EBAL

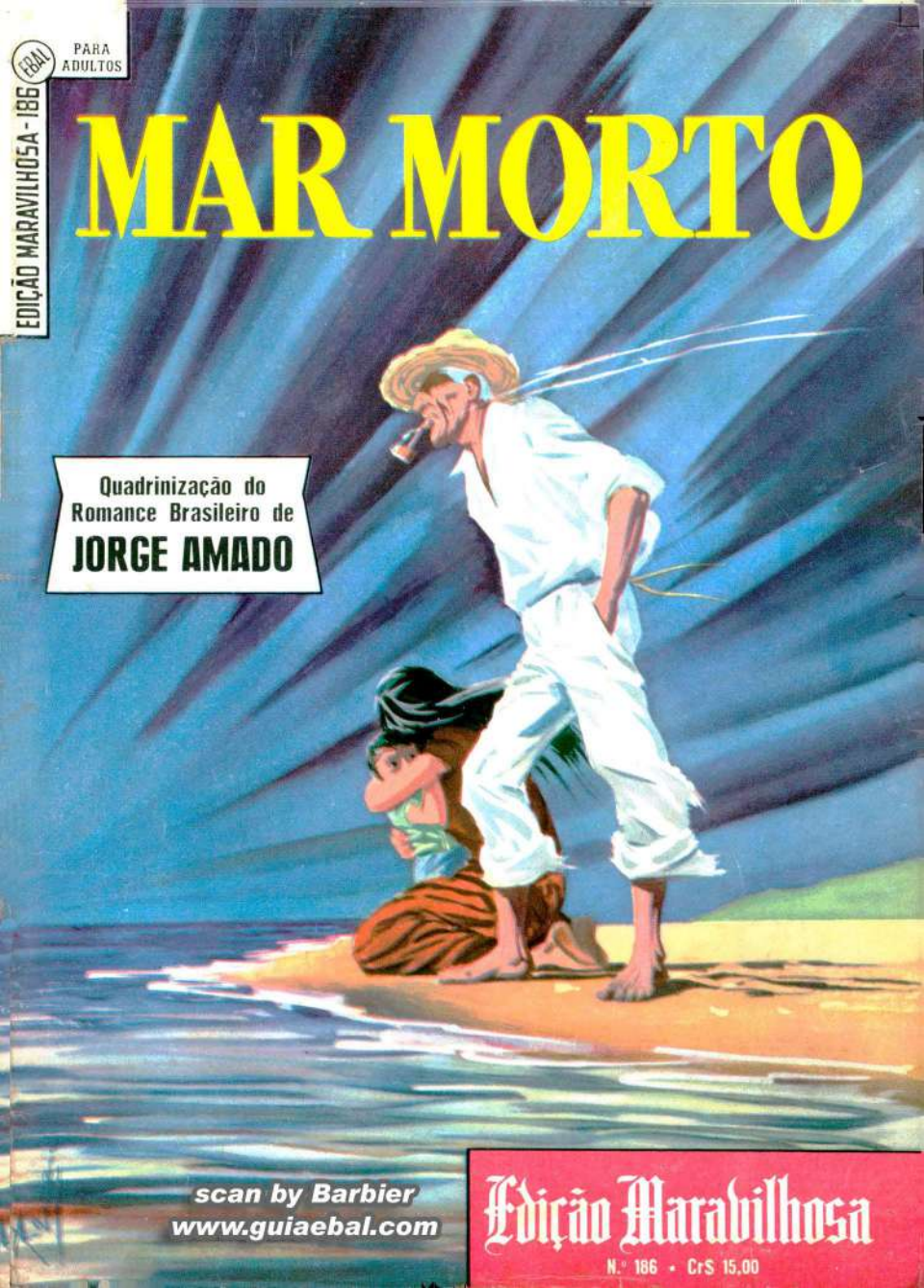
PARA ADULTOS

EDIÇÃO MARAVILHOSA - 186

MAR MORTO

Quadrinização do Romance Brasileiro de

JORGE AMADO



scan by Barbier
www.guiaebal.com

Edição Maravilhosa
N.º 186 • Cr$ 15,00

NO I. DE NUTRIÇÃO (U. DO BRASIL)

Histórias em Quadrinhos Ajudam Professôras a Ensinar

O VALOR DOS ALIMENTOS RICOS EM VITAMINAS E SAIS MINERAIS



As Professôras que trabalham no Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil, sob a orientação do Dr. Benjamin Albagli, seu Diretor, acharam que um dos melhores meios de chamar a atenção das crianças das escolas primárias para os benefícios da alimentação rica em verduras, legumes e frutas frescas é apresentar o assunto sob a forma das histórias em quadrinhos. Uma das Professôras, aliás, Carmen Fernandes Bittencourt, fêz um bonito trabalho que sob o título "A Miss Vitamina" foi publicado na revista O CAPITÃO Z, desta Editôra (N.º 73, Nova Fase, Dezembro de 1959). A história foi escrita por D. Carmen e desenhada por D. Maria Lúcia de Andrade Caldas, que pertencia, na ocasião, ao Departamento de Arte da EBAL. A publicação foi sugerida pelo próprio Dr. Albagli.

O sucesso foi tamanho que as jovens educadoras quiseram conhecer os métodos de trabalho da Editôra Brasil-América, especializada que é esta Casa no gênero das histórias em quadrinhos. Vieram visitar-nos, percorrendo minuciosamente tôdas as Seções, informando-se de como artistas, redatores e técnicos se desincumbem aqui da missão de criar ou de adaptar histórias recreativas e instrutivas para crianças.

As môças Professôras que nos visitaram, e que aparecem nas fotos desta página, são as seguintes, integrando uma caravana chefiada pela Professôra Gilda Linhares de Mello: Irene Magalhães de A. Cruz, Dalva Dias Wermelinger, Genoveva Bruno, Maria Regina M. da Silva, Elza Petrone Lemos, Helena Schuch Pinto, Vilma de Barros Guimarães, Yolanda R. Silva, Neuza Cerbella Freire e Darcy Soliva da Costa.

◀ As Professôras Neuza Cerbella Freire e Darcy Soliva da Costa, autoras da interessante história em quadrinhos sôbre Vitaminas, com o original de outro valioso trabalho educativo. Ao fundo, as outras Professôras do Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil que nos visitavam.

CORRESPONDÊNCIA E CONVERSA DO REDATOR

RECOMEÇANDO a nossa seção de correspondência com os leitores, vamos responder a algumas cartas um pouco antigas, que servirão para retomarmos um contacto mais direto com os nossos amigos. ● Esta, que vem de Tupã (Sp), traz a data de 15 de fevereiro de 1960 e quem a assina é o leitor Nelson Evangelhista. O Nelson, depois de dizer que considera a EDIÇÃO MARAVILHOSA utilíssima e a melhor no gênero, reclama que o número de páginas diminuiu. E acha "incrível" que isso tenha acontecido "para dar lugar às revistas infantis ANJINHO e ÚDI-ÚDI". Queremos dar ao Nelson duas explicações:

1.ª — O número de páginas de EDIÇÃO MARAVILHOSA realmente diminuiu, com o intuito de não aumentarmos o preço. Mas acontece que o número de quadrinhos e o texto permanecem os mesmos. Apenas, são paginados em menor tamanho. Logo, os leitores nada perderam.

2.ª — Isso não aconteceu "para dar lugar às revistas infantis", apesar de acharmos que as crianças merecem todo o nosso carinho. Uma coisa nada tem a ver com a outra.

Convidamos o Nelson Evangelhista a nos fazer uma visita, quando vier dar um passeio aqui no Rio. Assim, poderá ver melhor como se trabalha na EBAL, como se faz uma revista de histórias em quadrinhos. Você verá, Nelson, que nada perdeu com a diminuição de páginas da EDIÇÃO MARAVILHOSA.

o Redator

NB — Em suas cartas, a fim de que possam ser atendidos com mais presteza, coloquem, no próprio papel da carta e não sòmente no envelope, nome e endereço legíveis. E não misturem vários assuntos — as cartas para Correspondência e Conversa do Redator devem vir em fôlhas separadas.

Tôdas as meninas do Brasil devem se inscrever no

CLUBE DA PRINCESINHA



(Veja as bases da inscrição na revista PRINCESINHA - N.º 50, de Julho)



RELAÇÃO COMPLETA DAS REVISTAS DA

Editôra Brasil-América

PARA CRIANÇAS

LASSIE
MINDINHO
O CAPITÃO Z
PAPAI NOEL
PINDUCA
POPEYE
POSSANTE
PRINCESINHA
ANJINHO
ÚDI-ÚDI

PARA MAIORES DE 13 ANOS

AI, MOCINHO!
BATMAN
GENE AUTRY
INVICTUS
NEVADA
O HERÓI
PEQUENINA
REIS DO FAROESTE
RIN TIN TIN
ROY ROGERS
SUPERMAN
SUPERXIS
TARZAN
ZORRO

PARA MOÇAS E RAPAZES

CINEMIN
COWBOY ROMANTICO
O IDILIO
ROSALINDA
SELEÇÕES DE IDÍLIO
STAR ALBUM
BONITA

PARA ADULTOS

ALBUM GIGANTE
EDIÇÃO MARAVILHOSA
EPOPÉIA
MISTERINHO
QUEM FOI?

PARA TÔDAS AS IDADES

CIÊNCIA EM QUADRINHOS
SÉRIE SAGRADA
GRANDES FIGURAS
BIOGRAFIAS EM QUADRINHOS

As Revistas em Quadrinhos de Gênero Recreativo Que Levam a Marca EBAL São Redigidas e Recomendadas Por Professôres, Obedecendo a Normas de Ética Jornalística e Educacional.

N.º 186 (NOVA SÉRIE) ★ AGÔSTO 1960

EDIÇÃO MARAVILHOSA (Revista Mensal) ★ Publicada pela Editôra Brasil-América Limitada, Especializada em Revistas para Rapazes, Môças e Crianças ★ Direção de Adolfo Aizen ★ Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302, São Cristóvão ★ Telefone 34-8042 (Rêde Interna) ★ Rio de Janeiro (Gb), Brasil ★ Representante em São Paulo: Agência Modesto, Viaduto Santa Ifigênia, 277, Tel. 33-4606 ★ A ortografia adotada nas publicações desta Editôra é a do "Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguêsa".

MAR MORTO

Quadrinização do Romance de JORGE AMADO

Adaptação da Professôra NAIR DA ROCHA MIRANDA
Desenhos de Capa e Texto de RAMÓN LLAMPAYAS

Direitos de Quadrinização Exclusivos da Editôra Brasil-América



GUMA



D. DULCE



RUFINO



LÍVIA

AGORA eu quero contar as histórias da beira do cais da Bahia. Os velhos marinheiros que remendam velas, os mestres de saveiros, os pretos tatuados, os malandros, sabem essas histórias e essas canções. Eu as ouvi nas noites de lua no cais do Mercado, nas feiras, nos pequenos portos do recôncavo, junto aos enormes navios suecos nas pontes de Ilhéus. O povo de Iemanjá tem muito que contar. Vinde ouvir essas histórias e essas canções. Vinde ouvir a história de Guma e de Lívia que é a história da vida e do amor no mar. E se ela não vos parecer bela a culpa não é dos homens rudes que a narram. É que a ouviste da bôca de um homem da terra, e, dificilmente, um homem da terra entende o coração dos marinheiros. Mesmo quando êsse homem ama essas histórias e essas canções e vai às festas de D. Janaína, mesmo assim êle não conhece todos os segredos do mar. Pois o mar é mistério que nem os velhos marinheiros entendem.



RODOLFO



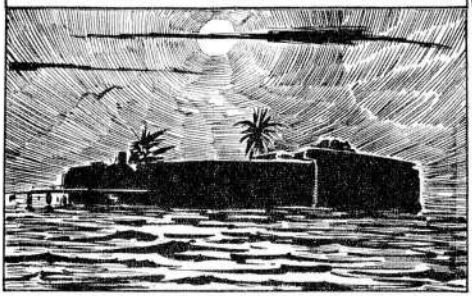
VELHO FRANCISCO



ROSA PALMEIRÃO

1 TERRAS DO SEM FIM

Uma voz assim tão cheia e sonora espanta todos os outros ruídos da noite. É do forte velho que ela vem e se espalha sôbre o mar e a cidade. Não é bem a melodia doce e melancólica que faz as conversas serem em surdina, baixinho.





O velho Francisco conhece essa música e êsse mundão de estrêlas que se reflete no mar. Senão de que valeriam quarenta anos passados em cima de um saveiro? Quando a noite chega êle deixa a sua casa pequena e vem para a beira do cais. Atravessa a lama que cobre o cimento, entra pela água, e pula para a proa de um saveiro. Então pedem que êle conte histórias, conte casos.



Assim, ninguém sabe se é verdade ou não. Bem que poderia ser. Iemanjá tem caprichos e se havia alguém que merecesse vê-la e amá-la era o velho Francisco que estava na beira do cais desde ninguém sabe quando. Ainda melhor, porém, que tôdas as coroas, os viajantes, os canais, êle conhece as histórias daquelas águas, daquelas festas de Janaína, daqueles naufrágios e temporais.





A verdade é que o velho Francisco ri disso tudo. Destino dêles é êsse: virar no mar.



Melhor teria sido se houvesse ficado no fundo d'água com o "Estrêla da Manhã", seu saveiro mais rápido, o que virou na noite de São João.

Agora só vejo os outros partirem e não vou com êles. Fico olhando para Lívia, igual a uma mulher, tremendo nas tempestades, ajudando a enterrar os que morrem. Faz muito tempo que cruzei pela última vez a baía, a mão no leme, os olhos atravessando a escuridão, sentindo o vento no rosto, correndo com meu saveiro ao som da música distante.

Hoje um negro canta também. Diz que destino ruim é o das mulheres dos marítimos. O velho Francisco sorri.

Minha mulher eu enterrei, o médico disse que foi do coração. Morreu de repente numa noite em que eu chegava da tempestade. Ela se atirou nos meus braços e quando eu reparei ela não se bulia mais, estava morta. Morreu da alegria da minha volta, o médico disse que foi do coração.

Quem ficou naquela noite foi Frederico, o pai de Guma. Corpo que ninguém encontrou porque êle morreu para me salvar e por isso foi com Iemanjá para outras terras muito lindas. Foi o meu irmão e a minha mulher numa só noite. Então eu criei Guma dentro do meu saveiro, dentro do mar para que êle não tivesse mêdo...

Guma trazia bem pouca coisa da sua infância de filho do mar, cujo destino já estava traçado pelo destino do pai, do tio, dos companheiros, de todos que o rodeavam naquela beira de cais: seu destino era o mar e era um destino heróico. Talvez mesmo êle não soubesse disso, talvez mesmo nunca houvesse pensado que êle seria, como o eram aquêles homens que gritavam durante o dia nomes feios nos saveiros e cantavam à noite canções de amor com voz doce, um herói que arriscava a vida sôbre as águas, chovesse ou brilhasse o sol no céu da Bahia de Todos os Santos.

Nunca pensara que era heróico o seu destino e que sua vida seria bela. Sua infância não fôra também descuidosa que a muito teve êle que atender, cedo jogado na proa de um barco acostumando os olhos com as coroas de pedras que mal se enxergavam à flor das águas, calejando as mãos nas cordas de pescaria e na madeira do leme.

Estivera na escola, sim. Era uma casa tôsca detrás do cais, a professôra rimando sonetos de amor (talvez o amor viesse num navio na noite sempre misteriosa do mar, talvez não viesse nunca e ela era lânguida e tinha a voz fresca de desencantada), a garotada contando aventuras de pesca, falando a língua estranha dos marítimos, fazendo apostas sôbre corrida dos barcos...

Eu aposto como o "Estrêla da Manhã" vai vencer!

Psiu! Rufino, Dona Dulce já está chamando a atenção!

Guma e Rufino, prestem atenção à aula! Deixem os comentários para depois!

Via coisas bem tristes aquela menina que viera da Escola Normal ensinar ali para ajudar uma mãe pobre, que já fôra rica, e um irmão bêbedo, que já fôra esperança dela, da mãe, e também, do pai, um senhor de bigodes e voz sonora, que morrera antes de tudo ser tão feio no mundo da sua casa.

Certo dia, D. Dulce chegou para Guma...

Guma, aqui na escola você aprendeu a ler e a escrever o nome. Bem mais eu quis lhe ensinar, bem mais você quer aprender. Mas...

Mas o velho Francisco o chamava para o saveiro, que seu destino estava lá.

Doutor nunca saíra da beira do cais. No entanto já haviam saído maquinistas, foguistas e, até um progrediu tanto que chegou a telegrafista de um navio de passageiros.

E, no dia em que êle se fôra...

Toma, Guma. Esta medalha é para proteger você.

Muito obrigado, Dona Dulce.

Guma não deixou a escola com tristeza, também não deixou com alegria. Gostava tanto da professôra, não fôra tão difícil aprender a ler, gostava de Rufino, um negrinho que fazia tatuagens com ponta de alfinête e nunca sabia a lição. Mas, gostava de andar sôbre o mar, num barco, e seguir seu destino...

Da janela ela viu Guma que partia. Tinha onze anos e lá ia êle, apto para a vida como os jovens médicos e advogados aos vinte e três e vinte e cinco. Também ia entrar na vida, ia começar sua profissão e, no entanto, não havia festa, não havia solenidade, apenas o desafôgo de não ser necessário lavar tantas vêzes a sua roupa, porque para a escola era preciso ir mais limpo.

Nenhuma esperança vai naquele peito. Nenhuma idéia de grandes conquistas, de grandes descobertas, de inventos maravilhosos, de poemas eloqüentes ou doces. Guma é inteligente e poucos colegas eu encontrei na Escola Normal, entre os meus amigos das Academias, que fôssem tão inteligentes como êle.

Seus colegas,
no entanto,
pensavam
sempre realizar
grandes coisas,
traçar seus
destinos.
Os meninos
que saíam
da escola nunca
tiveram
nenhum dêsses
pensamentos.
O destino
dêles já estava
traçado.
Era a proa
de um saveiro,
os remos
de uma canoa,
quando muito
as máquinas
de um navio,
ideal grandioso
que poucos
alimentavam.

Quando via Dulce ou quando o vento do mar balançava a medalha que trazia ao peito, Guma se lembrava da escola e da infância rápida...

O meu tempo de menino... Passou tão depressa!...

Um dia, dia que já ia muito longe, chovia na cidade e os saveiros estavam parados, o velho Francisco contava para a mulher e para Guma a história de um naufrágio, quando a porta se abriu e um homem entrou embuçado numa capa de oleado, escorrendo chuva. Quase que só via os bigodões do homem, porém nunca esqueceu a voz que dizia a Francisco...

Tou aqui, meu irmão...

Guma tivera mêdo. Mas o homem marchou para êle e o beijara, o espetara com seus bigodões e ria satisfeito, olhando para a cara de Guma...

Depois foi conversando com o velho Francisco, contando uma história de barulho...

Então eu mandei o homem para as profundas! E tudo por causa de uma cabrocha!

Foi assim que seu pai apareceu de volta-viagem, depois de ter corrido terras e mares desconhecidos. Voltara com a vida de um na ponta do seu punhal e sem mais poder sair das suas águas. Mas seu pai amava era viajar, e isso não podia fazer, não durou muito nos saveiros, ficou com ô "Estrêla da Manhã" no fundo do mar, depois de salvar o irmão. Só assim pôde êle continuar sua viagem interrompida e foi com Iemanjá que ama os homens de coragem.

De tôdas as recordações da sua infância, a de Chico Tristeza partindo de súbito num navio, era a mais recordada. Um dia êle faria o mesmo. A terra de Chico era muito longe com certeza, era para as bandas do sem fim e êle se fôra. Olhando para o mar, Guma pensava...

Chico vai voltar um dia, porque êle é um marinheiro dêste pôrto e deve morrer aqui. Ainda vai rever Dona Dulce que ensinou êle a ler e que sempre fala nêle.

Que êle voltava não havia dúvida. Os navios têm o nome do pôrto escrito na ré, por cima das hélices. Assim os marinheiros têm o nome do seu cais no coração. Alguns mandam mesmo tatuar êsse nome no peito junto com os nomes das amadas. Acontece um navio naufragar, longe do seu pôrto. Assim também um marinheiro morre longe do seu cais. Mas logo êle vem com Iemanjá, que sabe de onde são todos êles, ver sua gente e sua lua antes de ir correr o desconhecido. Chico Tristeza havia de voltar.

Nas noites da sua infância muitas vêzes dormiu no tombadilho do saveiro, atracado ao pequeno cais. De um lado, enorme e iluminada de mil lâmpadas elétricas estava a cidade. Subia pela montanha e seus sinos badalavam, dela vinham músicas alegres, risadas de homens, ruídos de carros. A luz do elevador subia e descia, era um brinquedo gigantesco.

Do outro lado era o mar, a lua e as estrêlas, tudo iluminado também. A música que vinha dêle era triste e penetrava mais fundo. Os saveiros e as canoas chegavam sem ruído, os peixes passavam sob a água. A cidade mais barulhenta era bem mais calma no entanto. Lá havia mulheres lindas, coisas diferentes, cinema e teatro, botequins e muita gente. No mar nada disso havia. A música do mar era triste e falava em morte e em amor perdido.

Tendo perdido no mesmo dia o irmão e a mulher, então Francisco criou o sobrinho. A mãe de Guma que ninguém sabia quem era, apareceu um dia e...

O senhor que é Seu Francisco, não é? O senhor não me conhece...

Não tou lhe conhecendo, não... Não conheço não, me adisculpe...

Mas Frederico me conhecia muito... Um dia arribou lá por Aracaju, o barco passou um mês Êle se enfeitou pra meu lado... Contou muita história, que me trazia, botava casa pra mim, me dava vestido e de comê. O senhor sabe como é... Pois o Frederico foi embora, meu pai me botou pra fora de casa. Arranjei um dinheiro, trouxe o garôto para Frederico. Êle já tava com outra, ficou com o menino mas não quis saber mais de mim

O garôto era Guma?

Gumercindo, sim! Foi meu padrinho que botou o nome. O mesmo nome dêle. Agora faz só três dias que cheguei do Recife. Já tava mesmo pra vim ver o menino, foi um conhecido que me disse que Frederico morreu, faz dois anos. Agora vim buscar meu filho... Vou criar êle...

Francisco não ouvia mais o barulho que vinha do mercado. Ouvia sòmente aquela mulher que dizia ser mãe de Guma e o vinha buscar. Êle não gostava de brigar com mulher. Discussão com mulher não acaba mais e êle tinha que discutir porque não queria entregar Guma que já ia tão bem no leme do saveiro e já suspendia um saco de farinha nos braços de menino...

E se essa mulher levar Guma que será do menino? Será marceneiro, padreiro, talvez doutor ou quem sabe padre? Não, Guma não terá âncoras que o prendam à terra! Irá com Iemanjá quando bem quiser. Será sempre livre no seu saveiro.

A mulher já estava estranhando o silêncio. Vozes vinham do mercado... O velho Francisco riu...

Sabe, dona? Vosmicê não leva o menino, não. Que é que vosmicê ia fazer com êle?

Ficou olhando para a mulher, esperando resposta. Mas seu rosto dizia que não havia fôrça que o fizesse entregar Guma...

Eu mesma nem sei... Quero levar êle porque é meu filho e não tem pai... Se êle ficar vai ser como o pai, morre um dia afogado... Boto êle num colégio, vai aprender a ler, talvez vire doutor como o tio dêle, meu irmão... Não vai morrer afogado...

Siá dona, destino é coisa feita lá em cima. Se êle tem de ser de Janaína não há saber que livre êle. Se êle ficar aqui vira homem de verdade. Se fôr com a senhora acaba um mofino que nem êsses homens de cabaré...

Donde vai vosmicê arranjar dinheiro pra fazer êle estudar?

É verdade. É bem melhor que êle fique aqui, aprenda a levar um saveiro pelos portos, arranque facas das mãos de homens, beba nos botequins, tatue corações no braço, atravesse a tempestade, vá com Janaína quando seu dia chegar.

Mas posso ver êle de vez em quando?

Sempre que o coração lhe pedir... Hoje mesmo vosmicê pode ver êle. De noite êle vem com o saveiro de Itaparica. Nós vai então...

Agora Francisco tinha pena. Não há mãe, por pior que seja, que não ame os filhos. Mesmo a baleia que é um bicho, e não tem pensar, defende seus filhos dos pescadores e até morre por êles.

Ela féz uma cara de mêdo...

Êle já anda sòzinho com o saveiro?

Só de Itaparica pra cá. Pra ir aprendendo. E já tá mesmo que um homem.

O rosto dela agora estava cheio de orgulho. Seu filho que só tinha onze anos já sabia viajar com um saveiro, já cruzava as águas, podia passar por um homem. Perguntou com uma voz de criança que vinha do mais profundo do seu coração...

Êle se parece comigo?

O velho Francisco olhou a mulher. Apesar dos dentes cariados, era bonita. Tinha um dente de ouro para compensar. Vinha dela um perfume extravagante para aquela beira de cais cheirando a peixe. A bôca pintada era côr de sangue como se houvesse sido mordida. Seus braços roliços estavam caídos ao longo do corpo. Maltratada pela vida, era ainda nova, nem parecia a mãe de Guma.

Se parece, sim. Tem os olhos, igualzinho os de vosmicê. E o nariz assim também...

Ela sorria e aquêle era mesmo seu momento mais feliz.

Um dia quando minha beleza terminar de todo, então eu vou ter uma velhice garantida, virei morar com meu filho, farei a comida dêle e o esperarei de volta das tempestades.

E a mulher
se deixou embalar
por essa
felicidade e sorria
pela bôca,
pelos olhos,
seus gestos
eram alegres
e até aquêle
perfume esquisito
que lembrava
cabarés
desapareceu
e ficou sòmente
o cheiro
de maresia,
de peixe salgado.

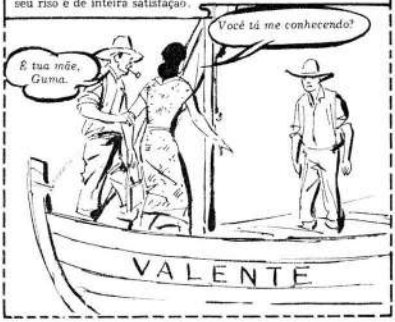
Por volta das nove horas Guma chegou com o saveiro que era o "Valente". Parou no pequeno cais...

Tio! Oh, tio!...

Já vou lá... Vem visita pra você, menino.

Quem seria que vinha com seu tio? Era uma mulher pela voz. As vozes se aproximam. É uma mulher, sim.

O saveiro está bem perto do cais. Seu tio está próximo com a mulher. Guma sorri mostrando os dentes alvos. Francisco está sem jeito, as mãos abanando. A mulher sorri. Guma olha os dois e o seu riso é de inteira satisfação.



Não era possível que fôsse sua mãe, aquela mãe em quem nunca pensara. Uma pilhéria de seu tio com certeza. Mas a mulher se aproxima dêle e o beija como devem beijar as mães. A voz da mulher é pura...



Então Guma começa a chorar e êle mesmo não sabe por quê...

Ficou espiando a mulher sem saber conversar. Ela o olhava comovida, falou muito em Frederico, a cada momento repetia...

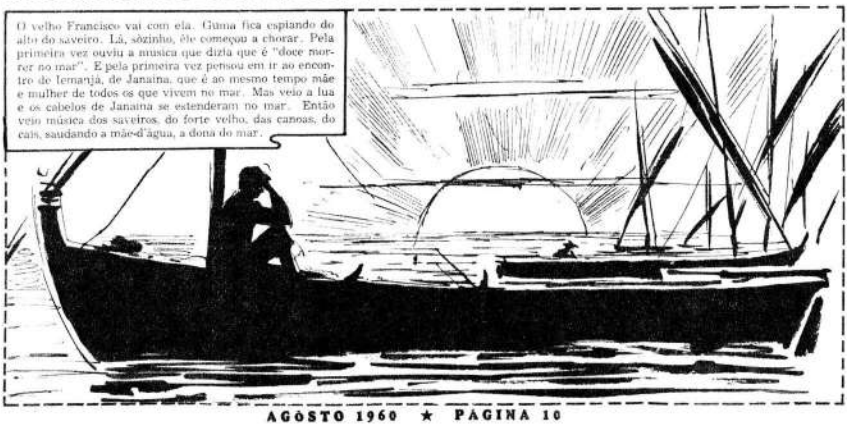


Êle não entendia
o motivo daquela
frase.
Por que ela viera?
Donde chegara,
por que
o abraçava assim?
Era uma estranha
para êle.
Nunca se
recordara
de sua mãe.
Não lhe haviam
falado nela
naqueles onze anos.
Guma só tinha
um desejo: chorar.
Chorar não é coisa
de homem,
quem não sabe?
Um marinheiro
sabe mais
que ninguém.
As mulheres
já choram
o bastante.

Um marinheiro não deve chorar. Por isso Guma morde os lábios e fica silencioso, esperando que ela se vá e aquêle sonho termine.



O velho Francisco vai com ela. Guma fica espiando do alto do saveiro. Lá, sòzinho, êle começou a chorar. Pela primeira vez ouviu a música que dizia que é "doce morrer no mar". E pela primeira vez pensou em ir ao encontro de Iemanjá, de Janaína, que é ao mesmo tempo mãe e mulher de todos os que vivem no mar. Mas veio a lua e os cabelos de Janaína se estenderam no mar. Então veio música dos saveiros, do forte velho, das canoas, do cais, saudando a mãe-d'água, a dona do mar.



Um dia, passaram-se outros anos, o velho Francisco quase deixa o "Valente" bater numa coroa do rio. Se não fôsse Guma virar a mão no leme, era uma vez um saveiro. O velho baixou a cabeça e não sorriu mais durante a viagem. Entregou o leme a Guma..

Velejei nessas aguas mais de trinta anos... Você viu? Na subida por pouco não jogo o "Valente" em cima das pedras... Se não joguei foi porque você meteu o braço no leme. Meus olhos já se gastaram. A luz do mar come os olhos da gente...

Ficou espiando Guma como quem tinha algo de muito importante a dizer. O sol o castigava, mas êle estava mesmo que animal velho se esquentando ao sol.

Sou um velho, tou acabado. Mas não queria que no cais aquêles negros se risse de mim. O velho Francisco depois de trinta anos jogou o saveiro em cima de uma pedra. Nem os peixes me queria mais...

Vinha angustiada a sua voz. Havia nêle qualquer coisa de fim, uma angústia inexprimível. Guma ficou sem saber o que dizer.

Tu não diz nada... Não há de querer ver minha vergonha...

O resto da viagem foi em silêncio e essa foi a última viagem do velho Francisco...

Agora era êle sòmente quem corria com o "Valente" aquelas águas azúis.



O velho Francisco remendava velas, bebia cachaça, contava histórias. Para êle tudo terminara, de tão valente que fôra o mar não o quisera. Êle vira Iemanjá sorrindo, não precisou morrer para vê-la.

Guma ficou nos saveiros, no cais, mas o destino de seu pai o tentava, amava os grandes navios que aportavam no cais, escutava enlevado as línguas estranhas que os marinheiros loiros falavam, ouvia as histórias que os pretos foguistas cantavam e dizia, de si para si, que um dia também andaria num navio daqueles, veria outras luas e outras estrêlas, cantaria as canções do seu cais em portos onde os homens não entenderiam seu falar, e escutariam de voz baixa as suas cantigas, só pela música, só porque sabiam que cantiga de marinheiro, seja em que língua fôr, fala de mar, de desgraça e de amor...

Um dia eu entro num navio daqueles, vou olhar os saveiros bem pequeninos, vou trocar as águas calmas da baia e do Rio Paraguaçu pelas águas agitadas do mar sem limites, da estrada sem fim que leva às terras mais distantes.

Aquêles navios negros o tentam. Há um mistério nêles, no seu apito, na sua âncora, nos seus mastros. Um dia Guma irá para as Terras do Sem Fim. Só o velho Francisco o prende a seu cais, é sua âncora. Êle precisa ganhar a comida do seu tio que tudo lhe ensinou. Quando o velho se cansar da beira do cais e fôr ver Iemanjá, então êle partirá, sua estrada não terá mais limites, seu saveiro será um navio negro e enorme, no cais contarão histórias sôbre êle. Ficara no "Valente", sòzinho, e considerou sua adolescência acabada. A sua infância fôra rápida e quase não tivera brinquedos, mas nela já começara a experimentar as suas fôrças. Aquêle talho grande que tinha na mão fôra uma briga dos seus quatorze anos.

Êle estava só com Rufino, conversando bobagens quando Maricota, irmã de Rufino, chegou chorando...

Maneco Mãozinha!... Êle... êle me xingou!... Tava com Jacques, mais o Rodolfo, mais o Vesgo!

Rufino foi procurar Mãozinha. Guma não era homem para deixar um companheiro numa hora dessas, e mesmo a lei do cais manda outra coisa. Foram juntos e encontraram os quatro ainda rindo...

AH! AH! AH!

Rufino virou a mão que êle não era de discussões nem xingamentos e a briga foi feia. Era no areal que o sol da manhã incendiava e rolaram aos sôcos.

Maneco Mãozinha, que tinha uma mão torta, ficou estendido com o sôco de Rufino. Mas ainda assim eram três contra dois...

... e no meio do barulho, Rodolfo, que não prestava mesmo, puxou de uma navalha e foi aquela sangueira. Rufino levara um talho debaixo do queixo...

...e, quando Guma acudiu, só pôde desviar com a mão a lâmina que era para o seu rosto.

Apesar da navalha e de serem quatro, correram. O negro Rufino limpou o sangue e prometeu...

Aquêle Rodolfo me paga. Um dia eu ensino êle...

Guma não disse nada. Êle amava a lei do cais e ela não permitia que se puxasse uma navalha, a não ser quando o adversário era maior em número. Quem não cumpria a lei do cais não valia nada para êle.

Guma gostava de Rufino desde a escola. Sem pai, criado pela mãe, Rufino pouco durara na escola. O que aprendera lá se reduzia a quase nada: a tatuar nos companheiros âncoras e corações, com uma pena e tinta azul.



...mas o negro ria com seus olhos mansos e dentes largos e D. Dulce sorria também...

Eram muitos meninos como êle no cais, agora homens nos saveiros. Não esperavam grande coisa da vida: viajar sôbre as ondas, ter um saveiro seu, beber no "Farol das Estrêlas", fazer um filho que seguisse seu destino e ir um dia com Iemanjá... Bem que canta uma voz no cais...



D. Dulce, que está envelhecendo e já botou óculos, ouve a música e sabe que êles morrerão sem temor. Apesar disso, sente uma amargura no seu coração...





Mas ao contrário de D. Dulce, o velho Francisco tem inveja dêles. Pois, contam que a viagem que os náufragos fazem com Iemanjá, para as Terras do Sem Fim, por sob os mares, mais veloz que os mais velozes navios, vale bem essa vida porca que êles levam no cais.

2 A CALANTO DE ROSA PALMEIRÃO

Rosa Palmeirão é um nome que soa bem aos ouvidos da gente do cais. Contam muitas histórias dessa mulata. O velho Francisco sabe inúmeras, em prosa e verso, porque Rosa Palmeirão já tem ABC e até os cegos do sertão cantam as suas estrepolias

Nas noites em que não saem muitos saveiros, o velho Francisco narra histórias. É bem verdade que o velho aumenta as histórias que conta, inventa pedaços inteiros. Mas por mais que aumente nunca dirá mesmo a inteira verdade sôbre Rosa Palmeirão.

Rosa Palmeirão tem navalha na saia.
Tem brinco no ouvido e punhal no peito.
Não tem mêdo de rabo de arraia.
Rosa Palmeirão tem corpo bem feito.



Ah! Não seria nada se ela não tivesse o corpo bem feito. Sua fama já viajou, corre mundo, todo marinheiro a conhece. Todos tem mêdo da navalha na saia, do punhal no peito, da mão fechada. Mas têm mais mêdo ainda do corpo bem feito de Rosa Palmeirão, pois ela já deu em seis soldados, já comeu vinte prisões, já bateu em muito homem...

O velho Francisco canta...

Rosa bateu em seis soldados
Na noite de São João.
Chamaram seu delegado,
Êle disse: — Não vou lá não.

Veio tôda a puliça
Ela puxou o punhal
Foi medonho o rebuliço
Foi uma noite fatal.

O velho Francisco continua cantando as proezas de Rosa Palmeirão e todos aplaudem...

Veio orde de trazer
Palmeirão ou morta ou viva...
Ela puxou a navaia
Só se viu homem correr...

Ouvem e aplaudem. Guma é dos que mais aplaudem. Êle não tem lembrança de Rosa Palmeirão. Já faz muitos anos que ela foi embora daquele pôrto.

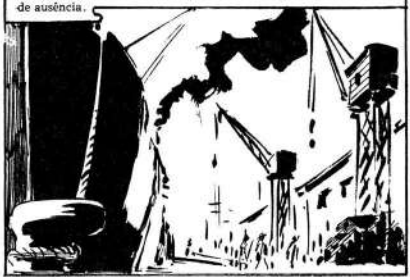
Um dia passou de novo pela Bahia, mas quase ninguém a viu, chegou num navio e foi no outro, dizem que não tinha envelhecido nada, que era a mesma. A flor (uma rosa palmeirão) que trazia sempre no vestido, lá estava. Mas, foi embora novamente, e...

...só resta dela nessas noites o seu ABC e as histórias que os homens contam...

Se de dia era valente,
Valente como ela só...
De noite era diferente,
Dos homens ela tinha dó...

Na memória dos homens do cais passava o perfil de Rosa Palmeirão. Quase todos os que estavam ali tinham assistido às lutas de Rosa Palmeirão, por isso gostavam de ouvir o seu ABC e as histórias de suas brigas. Por onde andaria Rosa Palmeirão? Nascera naquele cais, fôra pelo mundo, que não gostava de estar num lugar só. Ninguém sabe por onde ela anda. Onde ela estiver tem barulho. Porque ela traz navalha na saia, punhal no peito e porque tem um corpo bem feito.

Uma noite ela desceu da terceira classe de um navio que chegava do Rio. O 35 pegou sua bagagem e foi levar de graça para um quarto do "Farol das Estrêlas". Cinco minutos depois todos no cais sabiam que Rosa Palmeirão havia voltado e ainda era a mesma, não tinha envelhecido. Rosa Palmeirão tinha voltado depois de muitos anos de ausência.



Não saiu nenhum saveiro nessa noite. Cargas de telhas, de laranjas, de abacaxis e sapotis esperaram pela manhã do dia seguinte. Rosa Palmeirão tinha voltado depois de muitos anos de ausência. Os marinheiros de um "baiano" correram para o "Farol das Estrêlas". Os canoeiros vieram também. O velho Francisco trouxe Guma...



Vinha um rumor de copos da sala do botequim. Uma lanterna vermelha iluminava o desenho de um farol de luz baça. Quando êles entraram, Rosa Palmeirão estava sentada no balcão e ria muito, os braços abertos, um copo na mão. Quando avistou o velho Francisco, se atirou de um salto, apertou os braços no pescoço dêle...





Ela ficou se lembrando, logo sorriu...



Todos riram, porque Rosa Palmeirão tinha mesmo muita graça, abanava as mãos, falava igual a um homem, bebia como poucos.



Sentaram-se e emborcaram os copos de cachaça. Seu Babau, o dono do "Farol das Estrêlas", andava de um lado para o outro com a garrafa de rabo-de-galo na mão, contando os copos bebidos.

Rosa Palmeirão veio sentar junto do Guma numa mesinha do canto. Êle olhava para ela. Tinha o corpo bem feito. Ela engoliu a cachaça, fêz uma careta...

Eu conheci teu pai, mas não sou tão velha assim...

Guma riu, olhando os olhos dela. Por que o ABC não falava naqueles olhos fundos, verdes, que pareciam uma pedra do fundo do mar? Mais que o punhal, a navalha, o corpo bem feito, aquêles olhos metiam mêdo, eram fundos e verdes como o mar. Quem sabe se êles não variavam com a côr do mar, mar azul, verde, mar de chumbo nas noites pesadas de calmaria?

Eu também conheci o velho Frederico e só tenho vinte anos...

Também não sou tão nenêm...

Ela ria e olhava bem dentro dos olhos dêle. Ela tinha punhais nos olhos também.

Mas agora Rosa Palmeirão não é de um homem só. É de todos êles do cais que querem saber o que ela fêz durante tanto tempo fora da sua terra. Por onde andou, que brigas teve, que cadeias correu. Reclamam de todos os lados que ela conte...

Eu só vou dizer uma coisa pra vocês... Andei por êste mundão que Deus me acuda. Andei por tanto lugar que nem sei mais. Vi cidade grande, cidade que cabe dez Bahia...

Tu andou no Rio de Janeiro?

Andei três vêzes... Tou chegando de lá. É uma beleza... Uma fartura de luz e de gente que até dói...

Tem cada navio grandão que não dá pra entrar aqui. Tem uns que de ponta a ponta bate do cais no quebra-mar...

Não mordeu nenhum homem por lá, Rosa?

Homem de lá não é homem. Nem vale a pena. Eu vivi lá nos morro, era arrespeitada como quê. Nem queira saber. Uma vez um pichote quis se atravessar na minha frente na sala de um baile. Travanquei a âncora no pescoço do bicho, êle naufragou no chão. Só se viu risada... Até êles disseram: se mulher da Bahia é assim, que dizer dos homens?

Os homens agora estavam satisfeitos. Lá fora, no Rio, nas outras terras, ela tinha mostrado quem era...

Tu comeu a cadeia do Rio?

Comi nada. Cheguei lá, contei tudo ao delegado, disse que Rosa Palmeirão não levava tapa de homem assim não. O delegado era um doutor baiano, riu, disse que já me conhecia e mandou embora.

Os marinheiros riam. Os copos de cachaça se esvaziavam num momento. Guma estava com os olhos nela. Ela tinha um ABC e sabia brigar. Mas tinha um corpo bem feito e uns olhos fundos.

Rosa Palmeirão lhe disse...

Nunca briguei com os homens que gosto... Pergunte a qualquer um...

Mas não viu nenhum mêdo nos olhos dêle... Nunca ela vira uns olhos limpidos assim como os de Guma. Êle a admirava, não a temia.

Três noites depois o "Valente" deslizava nas águas do Rio Paraguaçu. Vinha um cheiro de frutas do porão. O vento arrastava o saveiro e não era necessário ninguém no leme, de tão calmo que estava o rio. As estrêlas brilhavam no céu e no mar, lemanjá viera ver a lua e espalhara os seus cabelos nas águas tranqüilas...

Rosa Palmeirão (navalha na saia, punhal no peito) falou no ouvido de Guma...

Você vai se rir de mim, me achar bôba... Sabe o que eu queria ter?

O que era?

Ela ficou olhando as águas do rio. Quis sorrir, ficou encabulada...

Te juro que queria muito ter um filho, um filhinho para eu tomar conta e criar êle... Não ria não...

E não teve vergonha das lágrimas que rolaram sôbre o punhal do peito, a navalha da saia...

3 LEI

Os barcos de pesca voltaram para o cais. Alguns mal tinham começado a pescaria e não tinham feito ainda para as despesas. Rufino voltou com a canoa do meio da baía para o Pôrto da Lenha. A água foi mudando de côr, de azul que era ficou côr de chumbo. Severino, um canoeiro decidido, veio andando para o lado do cais dos saveiros e falou para Mestre Manuel e Guma...



Puxaram fumaça dos cachimbos. Vendo que os saveiros não saíam, várias pessoas deixaram o mercado e tomaram o elevador. A maioria, porém, se deixou ficar porque o tempo estava bonito, o céu azul, o mar sereno, o sol brilhante. Para êles nada estava para acontecer. Pessoas entravam e saíam do Mercado Modêlo. O sol reluzia nas pedras pequenas do calçamento. Na janela de uma casa uma mulher estendia uma toalha. Marinheiros trepados no dorso de um navio o lavavam.

O vento começou a correr sacudindo a areia que voava. Severino perguntou...



O vento aumentava a cada instante e as águas não eram mais serenas. De longe vinha o zunido do vento forte e impiedoso. Aos poucos o cais foi se despovoando... A tempestade desabara sôbre a cidade e o mar. Agora não se via mais ninguém nas proximidades do mercado a não ser êles. O vento ensurdecia e êles tinham que falar alto...



Marcharam para o "Farol das Estrêlas". De lá vinha a voz de Rosa Palmeirão cantando. A escuridão dominava.

Chegando perto, não ouviam mais a voz de Rosa Palmeirão cantando. Só foram ouvir vozes novamente quando chegaram à sala do "Farol das Estrêlas", que estava vazia. O homem de sobretudo gritava para Seu Babau...



Êles se aproximaram. Era seu Godofredo, da companhia de navios balaios que estava possesso...



Tem famílias no navio... A companhia dá duzentos mil-réis ao homem que quiser ir...

Vida barata, hein?

Tua mulher vem nesse navio, Godó?

Eu sei que vocês me odeiam... Eu só seria capaz de pedir para salvar alguém meu, não é? Mas não estou pedindo, não. Estou é pagando. Duzentos mil-réis para quem quiser ir...

Não gostavam de Seu Godofredo no cais. Êle começara como praticante num "baiano", não se sabe como chegara a Comandante. Nunca entendeu direito daquilo, sabia era perseguir os marinheiros, os saveireiros, os canoeiros, os carregadores.

Outros homens chegavam. Godofredo repetiu a proposta. Êles olharam com incredulidade

Ninguém aqui quer se matar, Seu Godofredo. Deixe que o inglês se arranje.

Por que não mandam um rebocador?

Deviam mandar, sim... Mas a companhia diz que é muito caro... Preciso de um homem de coragem. A companhia dá duzentos mil-réis...

O vento sacudia a porta do "Farol das Estrêlas". Pela primeira vez ouviram o apito do navio que pedia socorro. Seu Godofredo disse quase carinhosamente...

Rosa, você é uma mulher, mas tem mais coragem que muitos homens... Olhe, Rosa, meus dois filhos estão a bordo. Foram passar as férias em Ilhéus... Você nunca teve filhos, Rosa? Peça para êles irem, Rosa... Dou duzentos mil-réis a quem fôr... Protejo a vida tôda...

Eu sei que não gostam de mim... Mas os meus filhos estão em perigo...

Seus filhos...

Godofredo veio para uma mesa. Apoiou a cabeça nas mãos bem tratadas e os ombros subiam e desciam. Pareciam saveiros no mar...

Deixe estar que eu vou...

O velho Francisco sorriu. Olhou para o braço onde estavam os nomes de seu irmão e dos seus saveiros. Ainda cabia o nome de Guma.

Guma saiu na escuridão. Os olhos de Rosa Palmeirão brilhavam de amor.

Traga os meus filhos...

Lembranças para Janaina...

Nunca se deve dizer que um homem vai para a morte...

Era uma criança ainda...

E Guma desapareceu na noite que chegara.

O "Valente" se afasta com dificuldade do cais. Guma procura ver o que está diante de si. Mas é tudo negro em redor. O difícil é atravessar êsse pedaço de mar, o vento contra. Depois será uma carreira doida, a favor do vento enfurecido, por um mar que já não é dos saveiros e das canoas: o mar dos grandes navios. As estrêlas tinham desaparecido. Também a lua não veio nessa noite e por isso não havia cânticos, não se falava de amor.

Como é que não deve estar lá fora então, adiante da barra, onde o mar é livre?

As ondas corriam umas sôbre as outras. Isso dentro da baía, antes mesmo do quebra-mar.

Guma ainda enxerga as sombras no cais. Aquela que agita a mão é Rosa Palmeirão, a mulher mais valente e mais doce que êle já viu. Guma só tem vinte anos mas já amou várias mulheres. E nenhuma delas soube ser ainda como Rosa Palmeirão, tão afetuosa em seus braços.



Para êle a tempestade não tem importância. Até impede os pescadores na sua faina. O saveiro aos poucos atravessa as águas do cais. O quebra-mar está perto. O vento corre em redor do forte velho, entra pelas janelas abandonadas, brinca com os velhos canhões inúteis. Guma já não vê os vultos no cais. É possível que Rosa Palmeirão esteja chorando.

O saveiro salta sôbre as ondas. Avança dificilmente. O quebra-mar parece se conservar sempre à mesma distância. Tão próximo e tão longe. A onda atravessou o saveiro de lado a lado. Como estará então fora da barra? A verdade — pensa Guma — é que é difícil chegar com vida. Hoje será o seu dia. Pensa isso sem mêdo. Chegou mais cedo que êle esperava mas tinha mesmo que chegar, êle não escaparia.

Onde está o quebra-mar que nunca o saveiro o atinge? Guma segura o leme e ainda assim é difícil manter o barco contra o vento. Passa sob a sombra do forte velho. Lá fora da barra está um navio que apita. O vento traz o apito do barco cheio de gente. Passou pelo quebra-mar. No forte velho uma luz oscila, caminha como um fantasma.





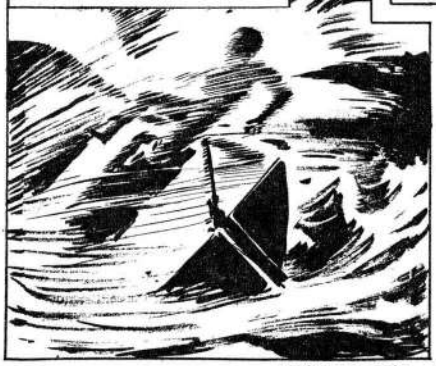
Não é pelo dinheiro que Guma vai no "Valente" tentar trazer êsse navio para o pôrto. Êle mesmo não sabe bem por que é que afronta assim a tempestade. Não é, com certeza, pelo dinheiro. Não é por duzentos mil-réis que um homem vai para a morte. Não é tampouco porque Godofredo tem dois filhos no "Canavieiras" e chora como uma criança abandonada. É porque vem um apito triste do navio, um pedido de socorro e a lei do cais manda que se atenda aos que no mar pedem socorro.

Apesar dos seus esforços o saveiro se afastou muito da rota que devia seguir. É muito môço para morrer. Ainda quer a mulher nova (assim como D. Dulce quando êle estava na escola), que fôsse só dêle. Não deixaria um filho e seu saveiro se estraçalharia. Êle não teme a morte mas pensa que ainda é cedo para morrer. Queria morrer depois de ter deixado uma história que fôsse recordada na beira do cais. Ainda era cedo para ir com D. Janaína. Não era ainda "ogã" do seu candomblé, não cantava ainda os seus cânticos, não podia levar no pescoço a sua pedra verde.



O que leva no pescoço é a medalha que D. Dulce lhe deu. D. Dulce ficará triste quando souber que êle morreu. Ela não compreende a vida dêles, vida dura, todo dia junto da morte e esperava um milagre. Quem sabe se êle não virá? Por isso Guma não quer morrer. Porque no dia em que vier êsse milagre então tudo será mais bonito, não haverá tanta miséria no cais, um homem não arriscará sua vida por duzentos mil-réis.

Está no rumo certo novamente. Ouve o navio que apita, que chama. Mas a onda que vem é muito forte e arranca com Guma de junto do leme.





Alcança uma borda do saveiro, toma do jeme. Mas está voltado contra o navio que já se vê na distância. Luta contra o vento, contra as águas, contra o seu corpo que treme de frio.

Recomeça a corrida. Seus dentes estão apertados uns contra os outros. Não sente nenhum mêdo. Quer acabar com aquilo de uma vez. Próximo, muito próximo, brilha o navio iluminado. A chuva cai pesada. O vento parte suas velas, mas êle já está gritando, junto do casco do "Canavieiras"...

Uma escada!

Os marinheiros acodem. Jogam uma corda que é amarrada ao "Valente". Depois é a aventura de passar do saveiro para a escada oscilante de bordo. Duas vêzes estêve prestes a cair e então não haveria salvação, seria esmagado entre o navio e o saveiro. Sorri. Está ensopado d'água e no entanto está feliz.

No cais, a essas horas, estão pensando que eu estou morto, que o meu corpo está viajando com Iemanjá.

Será uma única noite. Amanhã, nem o inglês, nem Seu Godofredo o conhecerão mais, quando êle passar com o "Valente". Ninguém o chamará de herói. Guma sabe disso. Mas sabe que sempre foi assim e que só mesmo um milagre, como quer D. Dulce, pode mudar essa lei. Duas horas depois — a tempestade ainda dominava a cidade e o mar — o "Canavieiras" ia encostando no cais.

Sobe para a ponte de comando, o inglês lhe entrega o navio. Os maquinistas põem as máquinas a funcionar, os foguistas avivam o fogo, os marinheiros manobram. Guma é quem comanda. É êle quem dá ordens...

Só mesmo assim é que um homem da beira do cais pode chegar a Comandante de um navio. Só por arte de Iemanjá.

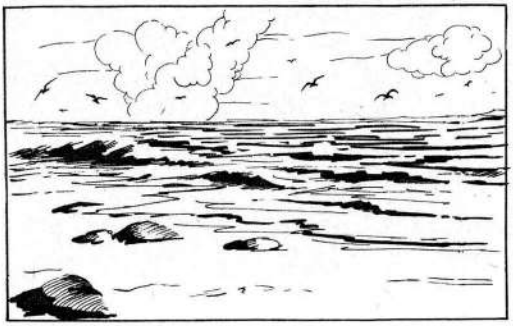
As velas do "Valente" estavam rôtas, seu casco furado do atrito com o navio, o leme despedaçado.

CANAVIEIRAS

E foi desde êsse dia que se começou a falar em Guma na beira do cais da Bahia.

4 IEMANJÁ DOS CINCO NOMES

Ninguém no cais tem um nome só. Todos têm também um apelido ou abreviam o nome, ou o aumentam, ou lhe acrescentam qualquer coisa que recorde uma história, uma luta, um amor. Iemanjá, que é dona do cais, dos saveiros, da vida dêles todos, tem cinco nomes, cinco nomes doces que todo o mundo sabe. Ela se chama Iemanjá, sempre foi chamada assim e êsse é seu verdadeiro nome, de dona das águas, de senhora dos oceanos



No entanto os canoeiros amam chamá-la de D. Janaína, e os pretos, que são seus filhos mais dilletos, que dançam para ela e mais que todos a temem, a chamam de Inaê, com devoção, ou fazem suas súplicas à Princesa de Aiocá, rainha dessas terras misteriosas que se escondem na linha azul que as separa das outras terras.

Porém, as mulheres do cais, que são simples e valentes, a tratam de D. Maria, que Maria é um nome bonito, e mesmo o mais bonito de todos, o mais venerado e assim o dão a Iemanjá como um presente, como se lhe levassem uma caixa de sabonete, à sua pedra no Dique.

Ela é sereia, é a mãe-d'água, a dona do mar, Iemanjá, D. Janaína, D. Maria, Inaê, Princesa de Aiocá. Ela domina êsses mares, ela adora a lua, que vem ver nas noites sem nuvens, ela ama as músicas dos negros. Todo o ano se faz a festa de Iemanjá, no Dique e em Monte Serrat. Então a chamam por todos seus cinco nomes, dão-lhe todos os seus títulos, levam-lhe presentes, cantam para ela.



O oceano é muito grande, o mar é uma estrada sem fim, as águas são muito mais que metade do mundo, são três quartas partes e tudo isso é de Iemanjá. Nas noites da festa de Iemanjá o mar fica de uma côr entre azul e verde, a lua está sempre no céu, as estrêlas acompanham as lanternas dos saveiros, Iemanjá estira preguiçosamente os cabelos pelo mar e não há no mundo nada mais bonito (os marinheiros dos grandes navios que viajam tôdas as terras sempre dizem) que a côr que sai da mistura dos cabelos de Iemanjá.



O pai-de-santo Anselmo era o porta-voz dos marítimos perante Iemanjá. Era êle quem fazia as festas de Iemanjá, quem presidia as macumbas do Monte Serrat, quem com ordem de D. Janaína curava doenças, dava bons ventos aos saveiros, mandava para longe as tempestades freqüentes.



Não era tão fácil assim ser da macumba de pai Anselmo e era preciso ser bom marítimo para um negro se sentar entre os "ogãs" de Iemanjá cercado pelas "feitas" que dançavam.

Guma se sentaria em breve numa das cadeiras que ficavam em volta do pai-de-santo, na sala do candomblé. Desde que trouxera o "Canavieiras" na noite do temporal sua fama corria de bôca em bôca, e estava provado que Iemanjá o favorecia. Não demoraria assim a se sentar entre os "ogãs", cercado das "feitas".



E com êle o negro Rufino. Êra prêto retinto, mas saíra das águas claras, Iemanjá era sua avó, mãe de seu pai que fôra marítimo como seu avô e os mais velhos cuja memória já se perdera. Os dois se consagrariam de uma vez à dona do mar, à mulher dos cinco nomes, mãe dêles todos, que um dia, sòmente um dia em tôda a vida, é também espôsa.

Hoje é dia de festa de Iemanjá. A areia, alva, está agora preta, de pés que a pisam. E o povo do mar que chega chamando pela sua rainha. O som dos instrumentos ressoa por tôda a península de Itapagipe. Hoje é o dia da grande festa, quando as negras ficaram mesmo "feitas", mesmo sacerdotisas de Iemanjá. Elas dançam loucamente, se rebolam, se destroncam inteiramente. A mãe do terreiro canta os cânticos de Iemanjá...



As "feitas" dançam como se houvessem endoidecido de repente. Os "ogãs", e agora Guma e Rufino, estão entre elas, movem os ombros como se remassem em canoas.



Dançam todos enlouquecidos. Mas Guma não tira os olhos da assistência. Sem dúvida que aquela é a mulher que Iemanjá lhe mandou.

Tem os cabelos escorridos, parecendo molhados, os olhos claros de água, os lábios vermelhos. Ela é quase tão bela como a própria Janaína e é môça, muito môça. A dança domina a sala, Iemanjá dança mais que todos, só ela não dança, apenas olha Guma de quando em vez, com aquêles olhos feitos de água, com seu cabelo escorrido. Iemanjá mandou a sua mulher, aquela que êle pediu ainda menino, no dia que sua mãe apareceu.



E Guma canta para Iemanjá dos cinco nomes, mãe dos homens do cais, sua espôsa também.

De onde viria ela? Ele a procurou quando a festa terminou mas ela não se encontrava mais. Foi atrás de Rufino que já descia para o "Farol das Estrêlas" com seu violão...

Quem é aquela môça que tu disse que tava me olhando? Donde tu conhece?...

Posei os ôlho em riba dela hoje pela primeira vez. Você tá querendo, não é? Se Palmeirão souber tu tá naufragado...

Guma riu. Entraram no "Farol das Estrêlas".

Rosa Palmeirão bebia copo sôbre copo. De repente disse que ia embora...

Tu vai deixar saudade, negra...

Quem gosta de mim vai comigo...

E Rosa Palmeirão sorria para Guma. Mas Guma foi se sentar distante dela. Já se sentia da outra, era como se Rosa Palmeirão há muito houvesse viajado.

Rosa veio para junto dêle. Guma fitava a noite que cobria o cais. Rosa Palmeirão sabia o que aquilo queria dizer.

Eu vou embora, Guma... Tu casa um dia dêste, vem uma noiva pra você... Bonita, como você é merecedor... Eu já tou velha... Tou velha, sim. Mas você vai casar e quando tu tiver casado e com um filho eu volto praqui. Tou velha de cabelo branco, já sou muito velha, Guma, te juro que não brigo mais com ninguém, não uso mais arma, não arranjo barulho.

Guma olha para ela que parece outra, suplicando, os olhos fundos de mar postos nêle, olhos carinhosos de mãe...

Não brigo mais... Eu quero que você arranje um lugar para essa mulher velha na casa de tua mulher... Não vou brigar com ela. Quero é ajudar a criar teu filho, como se eu tivesse tido você... Eu tenho idade de ser sua mãe... Tu deixa?

Agora as estrêlas estão brilhando no céu, a lua apareceu também e uma música suave vem do mar. Rosa Palmeirão acaricia a face de seu filho. Isso foi na noite da festa de Iemanjá, a dos cinco nomes...

5 UM NAVIO ANCOROU NO CAIS

Um navio ancorou no cais e nêle Rosa Palmeirão foi embora. Guma olhava a mulher que da terceira classe sacudia um lenço. Ela ia para as aventuras que seriam as últimas. Quando voltasse encontraria uma criança para cuidar, alguém de quem ela seria avó. Ainda de muito longe ela sacudia o lenço e os homens do cais respondiam aos seus adeuses...

Guma veio andando pela beira do cais. A tarde caía aos poucos. Há vários dias, desde a festa de Iemanjá, que só pensava em encontrar a môça que o olhara. Andou por estas ruas de perto do cais, examinando casa por casa e não a encontrou. Ninguém sabia de onde ela viera, quem era, qual sua vida. Não morava com certeza no cais, porque aí todos se conhecem. O negro Rufino também nada conseguira saber sôbre ela. Mas Guma não desanima. Êle sabe que novamente encontrará a mulher da festa de Iemanjá. Agora, então, que Rosa fôra embora, êle ficara livre para amar. Uma carga de fazendas o espera. Depois que ela estiver arrumada no saveiro êle sairá para Cachoeira. Vai pela beira do cais assoviando baixinho. No mercado cantam. É um grupo de marinheiros e carregadores...

Sou mulato e não nego
Ai, meu Deus, de mim tem pena!
Embora eu queira negá
Meu cabelo me condena.

Guma vai chegando para o grupo. A primeira pessoa que viu, muito elegante com uma roupa azul-marinho, de casimira, foi Rodolfo que fazia meses não aparecia. Rodolfo mal viu Guma abanou a mão...

Tou precisando de dizer duas palavras a você...

Tá bem... Que é?

Rodolfo passou a mão no cabelo bem alisado. Cheirava a brilhantina barata. Guma pensava onde êle teria passado êstes últimos meses. Em alguma outra cidade? Na cadeia por algum furto? Êle não era boa bisca, todos diziam. Batia carteiras, passava contos-do-vigário, uma vez botou o punhal nos peitos de um homem nas Pitangueiras pedindo dinheiro. Fôra a sua primeira prisão...

Outro dia esbarrei com minha irmã... Eu tava inocente de ter irmã. O "velho" não se lembrou de falar na filha. Ela já vivia me procurando desde a morte da mãe há coisa de um ano, que ela sabia que eu era vivente. Tava vivendo com uns tios, parentes da mãe.

E Rodolfo continuou contando que a menina resolvera tomar conta dêle, dissera que iria botá-lo na linha. Tinha só dezoito anos. Ela, agora, queria que o irmão levasse Guma até à sua casa. O rapaz ficou espantado, mas Rodolfo explicou...

Os fulanos parentes dela vinham no "Canavieiras" no dia que você foi buscar o bicho. Coisa de homem você fêz. Êles têm uma quitanda na Rua Ruy Barbosa. Vinha tudo na terceira classe, já pensava que tava tudo morto. Ela quer lhe agradecer...

Uma besteira. Todo o mundo fazia. Tive foi sorte do mar não estar mais brabo...

Ela já te viu outro dia, veio só pra ver você. No dia da festa de Janaina. Ela tava no candomblé do velho Anselmo. Uma morena, de cabelo liso. Você se prepare para ir lá quando voltar. Eu digo a ela que você prometeu ir.

Guma ficou sem saber o que dizer. Olhava muito espantado para Rodolfo, para o saveiro, para o mar.

Sua vontade era cantar, gritar, pular de alegria.

Tá bem, eu vou... Como é o nome dela?

Lívia! Bem. Então, adeus!

Guma olhava com raiva o saveiro, o carregamento de fazendas. Gostaria de ir era nessa mesma noite...

Na volta de Santo Amaro o mar lhe mandou os ventos mais rápidos, lhe enviou o nordeste que atira o "Valente" para o cais da Bahia. Canoas que passam, saveiros que cruzam, jangadas que levam pescadores, batelões carregados de lenha, lhe desejam boa viagem...

Boa viagem, Guma...

Boa viagem que êle vai em busca de Lívia. A lua iluminava sua rota, o mar é uma estrada larga e boa. E o nordeste sopra, o terrível nordeste das tempestades. Mas agora êle sopra como amigo que o ajuda a transpor mais rápido êsse braço do rio, canções de mulheres lavadeiras, cantigas de pescadores. Os tubarões saltam nas ondas da entrada da barra.

Êle vai buscar Lívia, êle vai buscar uma mulher bonita para oferecer ao mar. Não demorará muito a carne de Lívia terá o gôsto da água salgada do oceano, os seus cabelos serão úmidos dos salpicos do mar. E cantará no "Valente" as canções do cais. Saberá da história do Besouro, da história do cavalo encantado, de tôdas as histórias de naufrágios. Será como um saveiro, o casco de uma canoa, uma vela, uma cantiga, apenas uma coisa no mar.

O nordeste está soprando, empinando as velas do "Valente". Corre, saveiro, corre que já estão brilhando as luzes da Bahia!

Já se ouve o baticum dos candomblés, a música dos violões, o triste gemer das harmônicas. Guma parece já ouvir a risada clara de Lívia. Corre, saveiro, corre.

6 RAPTO DE LÍVIA

Êle a vira logo que chegara naquele dia de Santo Amaro. Foi com Rodolfo e ela lhe parecera ainda mais bela, tímida, olhando com seus olhos claros.



Os parentes dela, tios que tinham uma pequena quitanda e na beleza de Lívia (poderia fazer um bom casamento...) punham tôda a sua esperança, logo após os agradecimentos não viam Guma com bons olhos. Esperavam que êle aparecesse, recebesse os agradecimentos e seguisse sua viagem sem olhar para trás...

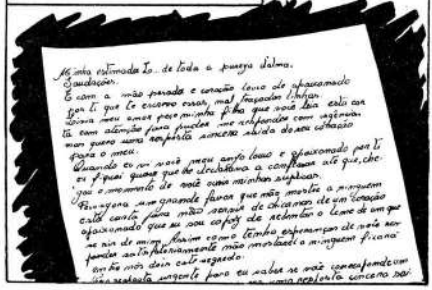


Seis meses em que para vê-la, para dar dois dedos de prosa (era sòmente ela quem falava, êle ouvia calado), tinha que atravessar sob os olhares dos tios. Olhares de raiva, de antipatia, de desprêzo.



Mas apesar dos olhares, das palavras murmuradas em tom que êle as ouvisse, Guma voltara sempre vestido com a única roupa de casimira que possuía, mal arranjado dentro dela, com os movimentos presos...

Logo na primeira semana tinha escrito uma carta para Lívia. Primeiro quis mostrar a D. Dulce para ela consertar os erros. Mas teve vergonha e mandou assim mesmo como estava...



Guma levou a carta de noite, no fim da visita disse a Lívia...



Êle entregou a carta e saiu quase correndo. Só parou no cais e viveu uma noite de agonia pensando na resposta que ela lhe daria.

A resposta ela deu verbalmente quando êle voltou lá...



Tios que esperavam tudo do casamento dela. Os tios quando souberam brigaram com Guma, disseram que êle não viesse mais à sua casa. Ninguém sabia por onde andava Rodolfo. Guma estava sem apelar para ninguém. Quando não estava viajando, passava até tarde da noite vigiando a casa dela para ver de repente, dar duas palavras, combinar um encontro.

Afinal se abriu com Rufino. O negro esgravatou o chão com um pedaço de pau e disse...

Só vejo um jeito pra coisa... Você roubar a môça. Você acerta com ela, pega uma noite, mete no saveiro, veleja pra Cachoeira. Quando voltar tem mesmo é que casar.

E ficou assentado que Lívia ficaria em Cachoeira na casa da mãe da mulher de Jacques, um rapaz do cais. Guma foi então arranjar um meio de combinar com Lívia.

Conseguiu conversar com Lívia, ela estava de acôrdo, também ela o desejava. Combinaram tudo para daí a uma semana, na noite do próximo sábado quando os tios iam fazer uma visita. Ela arranjaria meio de ficar e então fugiriam.

Era em junho, mês do vento sul, dos temporais. Em junho Iemanjá solta o vento sul que é um vento terrível. Guma desde cedo estava na esquina da Rua Rui Barbosa. Rufino estava com êle e não tiravam os olhos da casa de Lívia. Viram a quitanda fechar, ouviram ruído de talher e bastante tempo depois os tios de Lívia saíam. Guma descansou...

Lívia conseguiu não ir.

Então Rufino foi buscar Lívia. Guma ficou na esquina.

E Lívia foi. Atravessaram a praça, desceram o elevador e ela encontrou diante do cais e do mar, sua nova pátria. Guma a embuçara na capa de oleado, Rufino ia na frente para se desviar dos conhecidos, a chuva começara a cair, miudinha.

Junto ao saveiro Rufino se despediu...

Era em junho e foi no mês do vento sul que Lívia se mudou para o mar. O saveiro partiu contra o vento e ia inclinado, a lanterna vermelha iluminando a estrada do mar. Um canoeiro que entrava desejou boa viagem a Guma. Pela primeira vez Lívia respondeu à saudação do mar...

Boa viagem...

O vento sul levantava seus cabelos, Guma ia curvado no leme, do mar vinha um cheiro sem comparação e de dentro dela uma alegria que à fôz cantar para o oceano.

Lívia saudou o mar com a mais bela canção que sabia e assim o saveiro atravessou o quebra-mar e entrou na bôca da barra, porque as belas canções que as mulheres cantam, compram o vento e o mar. Lívia era feliz e Guma de tão feliz não viu pela primeira vez o temporal que se aproximava. Lívia deitou-se a seus pés e os seus belos cabelos esvoaçavam com o vento. Iam calados porque ela já não cantava. Agora só o vento sul assoviava a sua canção de morte.

O temporal veio rápido como costumam chegar os temporais de junho. O vento sul estremeceu as velas do "Valente". A luz da lanterna iluminava os vagalhões da bôca da barra. Êle sente a carícia dos cabelos dela. Lívia que não conhece nada da vida do mar, pergunta com os olhos assustados se era sempre assim...

A gente pode morrer hoje?

Se fôsse assim tôda a vida na segunda viagem a gente ficava.



Conseguiram entrar no rio. Porém ainda aí a tempestade não está melhor. A lanterna do "Valente" se apaga com uma rajada de vento.

Os tios disseram que matavam, que faziam e aconteciam. Rodolfo, que, como sempre, aparecera de repente, acalmava os tios, impedia que êles dessem parte à Polícia. Guma deixara Lívia com a sogra de Jacques e voltou para a Bahia e encontrou Rodolfo no pôrto...



Guma confiou tudo a Rodolfo que no dia seguinte avisou que o casamento seria daí a 12 dias na igreja de Monte Serrat e no Forum. Quem se danou foi o velho Francisco. Êle sempre achara que um marítimo não deve casar. Uma mulher só serve para atrapalhar a vida dêles. Mas não disse nada que Guma estava um homem e não seria êle quem se metesse na sua vida. Mas que achasse bom, que apoiasse, não apoiava.



Todos a quem Guma falou dos projetos felicitaram-no sem entusiasmo. Só D. Dulce sorriu com alegria...



Quando Guma foi falar com o "doutor" Filadélfio (era êle quem escrevia história em versos, abecês do cais, cantigas, fazia discurso nos batizados, nos casamentos, na inauguração de tôdas as bodegas do Mercado e no batismo de todos os saveiros) êste resolveu tomar um trago para comemorar...



O "Farol das Estrêlas" todo bebeu. Vários eram casados, outros estavam para isso. Grande parte porém não tivera coragem de sacrificar uma mulher à sua vida.

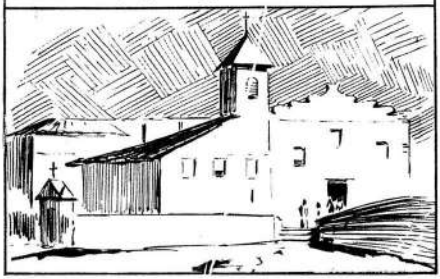
Lívia veio para a casa de D. Dulce. Os tios a visitaram, já estavam conformados.



O velho Francisco é que ficou pelo beiço com Lívia. Ficou tão contente que parecia que era êle quem ia casar.

7 MARCHA NUPCIAL

No cais só se falava do casamento de Guma que foi num sábado, primeiro no Forum com pouca gente (Rufino era padrinho e levou meia hora assinando o nome), depois na Igreja de Monte Serrat, cheia de flôres...



Ali estava tôda a gente do cais que vinha ver Guma e a noiva. Todos a achavam bela. Muitos olhavam para Guma com inveja. Num grupo comentavam...





O que tinha falado baixou a cabeça envergonhado e um que era casado sentiu um frio lhe percorrer a espinha como se fôsse o vento sul.

Terminou a cerimônia do casamento. Lívia passou linda e Guma ria para todos sem mesmo saber de quê. A tarde fria de junho caía sôbre a cidade. O cais já estava iluminado. Êles desceram a ladeira do morro.



Os navios, apesar de ainda ser cedo, se iluminaram. Os saveiros de velas arriadas, apontavam com o mastro para o céu côr de chumbo... As águas do mar estavam paradas nessa tarde úmida do casamento de Guma

No fim do cortejo D. Dulce conversava com Dr. Rodrigo. Vinham como noivos.







Rodrigo olhou a lua que subia no céu. Era cheia e iluminava tudo, transfigurando o mar e a noite. As estrêlas surgiram, uma canção veio do forte velho, os homens não iam mais curvados, o cortejo nupcial era belo. A umidade da noite desapareceu, ficou o frio sêco. A lua clareou a noite do mar. A criança sorriu para a lua. Dr. Rodrigo se apercebeu então do que Dulce dizia.



O cortejo entrava na casa de Guma. O velho Francisco gritava...



Jeremias trouxera o violão. Outros tinham trazido harmônica e o negro Rufino trouxera sua viola também. E cantaram canções do mar, desde aquela que diz que a noite é para o amor (e todos sorriram para Guma e Lívia) até a que dizia que é doce morrer no mar. Depois pediram uma embolada a Rufino.



Dançaram. As harmônicas se desesperavam na música, eram como ondas que iam e vinham.

E dançaram também, todos quiseram dançar com a noiva, beberam cachaça, comeram os doces que D. Dulce tinha mandado e a feijoada que o velho Francisco ajudado por Rufino tinha preparado.

O barulho da música se estendia até ao cais próximo. Seu Babau, dono do "Farol das Estrêlas", entrou, trazia umas garrafas de bebidas.



Depois Maria Clara, mulher de Mestre Manuel, cantou. A sua voz penetrou pela noite, como a voz do mar. Harmoniosa, profunda e doce. Vinha do mais profundo do mar, tinha como seu corpo um cheiro de beira de cais, de peixe salgado. Agora a sala a ouvia atenta. A canção que ela cantava era bem dêles, era do mar.



Êle fechara o "Farol das Estrêlas", ninguém fôra lá naquela noite. E foi logo pegando uma dama e volteando na sala. O samba ia forte, o chão reboava com o sapateado.

Velha "moda" de mar. Por que só falam em morte, em tristeza essas canções?

No entanto o mar é belo, a água azul e a lua amarela. Mas as cantigas, as modas do mar são assim tristes, dão vontade de chorar, matam a alegria de todos.

Eu vou para outras terras que meu senhor já se foi nas ondas verdes do mar.

Nas ondas verdes do mar vão todos êles um dia. Maria Clara canta, ela também tem um homem que vive sôbre as águas. Mas ela nasceu no mar, veio dêle e vive nêle. Por isso a canção não lhe diz novidade, não faz estremecer seu coração como o de Lívia...

Para que Maria Clara canta assim na noite do meu casamento?

Ela é como uma inimiga, sua voz é como a tempestade. Uma velha de coque, que perdeu o marido há distantes anos, chora na sala. As ondas do mar levam tudo. O mar que tudo lhes dá, tudo lhes toma.

Guma sorri com a bôca entreaberta. Lívia descansa no seu ombro e pela primeira vez teme pela vida de seu homem. E se um dia êle ficar no mar, que será dela? A canção diz que todos ficarão um dia nas ondas verdes do mar.

E na sala ninguém discorda, ninguém se revolta sequer. Só Lívia que soluça alto, que quer fugir, levar Guma para bem longe dali, para o fim do mundo, para um lugar onde não ouçam o chamamento das "ondas verdes do mar". Lívia mal respira. A canção acaba.

Êta piga marvada. Inté parece chumbo.

A canção acabara. Mas na noite fria de junho a sua voz se prolongou para os navios, o cais, os saveiros. E ficou batendo dentro de todos os corações. E para esquecer vão todos dançar, os que não dançam vão beber. A chuva cai lá fora. As nuvens cobriram a lua.

Sua marcha nupcial fôra aquela canção de desgraça. Canção que resumia a vida do cais. "Êle se foi a afogar", podia qualquer mulher dizer quando o marido saía. Destino triste o dela. Seu irmão aparecia e desaparecia, ninguém sabia dêle. Não viera ao seu casamento, havia dias que ela não o enxergava. Fôra quem tratara dos papéis, marcara a data, depois desaparecera. Ninguém sabia da vida dêle, onde morava, onde comia, onde repousava a bela cabeça de cabelos escorridos. O marido ia diàriamente a se afogar nas ondas verdes do mar. Um dia em vez dêle viria seu corpo, êle navegaria nas terras do sem fim de Alocá. O mar é senhor de vidas, o mar é terrível e é misterioso. Tudo que vive no mar é cercado de mistério. Lívia se esconde sob as cobertas e chora. Assistirá a Guma ir a se afogar diàriamente nas ondas verdes do mar.

E então toma uma súbita resolução. Irá sempre com êle. Será marítima também, cantará as canções do mar, conhecerá os ventos, as coroas de pedra do rio, os mistérios do mar.

8 ● "VALENTE"

Meses maus para o cais. Os saveiros poucas viagens faziam, as tabelas de carregamento muito por baixo, muitos iam pescar para cavar o dinheiro da bóia. Guma se movimentava, levava as cargas que apareciam, topava qualquer parada. Lívia quase sempre o acompanhava. Fiel ao que prometera a si própria, procurava estar sempre junto ao marido.



Porém, uma noite de temporal Guma lhe confessou que a viagem se tornava muito mais difícil com ela ao lado. Êle, que nunca tinha mêdo, sentia um verdadeiro terror quando a tarde se anuviava e êles estavam no mar. A vida dela lhe trazia aquêle terror, aquêle mêdo dos ventos e das tempestades.

Ela então espaçou mais as suas viagens, só o acompanhava quando êle estava de bom humor. Por vêzes até era êle quem a convidava, chamando-a carinhosamente de negra, sentindo o desejo nos olhos dela. Certo dia Guma lhe perguntou por que ela gostava de acompanhá-lo...



Ela nunca dizia a Guma que temia pela vida dêle.

Quando Lívia não ia, quando ficava em casa sòzinha com o velho Francisco, ouvindo velhas histórias do cais, sabendo de naufrágios, mortes e afogados, o terror a invadia. Sabia que o marido estava no mar, em cima de uma frágil embarcação, ao sabor dos ventos.



Foi assim que aconteceu com Seu Andrade, cuja história o velho Francisco lhe contou enquanto remendava velas, ajudado por Lívia.

E o velho Francisco tem sempre novas histórias para contar, novas desgraças para anunciar. Lívia muitas vêzes chora, muitas vêzes foge para o seu quarto para não mais ouvir. E o velho Francisco que já está começando a caducar, continua a contar para si próprio, sòbrio de gestos, sòbrio de palavras também.

Um dia Rodolfo deu de si. Vinha aflito, indagando por Guma. Lívia não perguntou de onde êle vinha. Jantou com ela, esperou que Guma chegasse. O saveiro era esperado lá para as nove horas. Rodolfo ficou fumando, estava muito impaciente, andava de um lado para outro.



Rodolfo lhe respondeu que ninguém sentiria por êle, um traste ruim. Ninguém gostava dêle, mas que quando falava nisso tirava Lívia do meio, porque ela era a irmã dêle, era boa de verdade. Já pensara em largar aquela vida um bocado de vêzes depois que a encontrara.













Ela amparou a cabeça do irmão. Êle estava cansado e impaciente. Guma não chegava. Ela agora temia pelo irmão e pelo marido. Rodolfo viera por um motivo que ela não conhecia e êle não quisera contar. Viera sem dúvida pedir dinheiro, havia de estar a nenhum, recém-saído da cadeia.

E Lívia cantou uma cantiga de ninar. Assim como ninaria seu filho ninava agora seu irmão. Era um ladrão. Passava contos-do-vigário, vendia terras que não existiam, era sócio de casas vagabundas de jôgo, andava nos piores lugares, encostava mesmo o punhal nos peitos dos homens para tomar as carteiras. Andara pelas prisões, tinha um talho embaixo do lábio, a mão cortada de navalha. Mas agora dormia como uma criança, era sem culpas como o filho que Lívia trazia no ventre. Era uma criança que ela ninava, um recém-nascido que dormia.

Eram mais de onze horas da noite quando Guma chegou. Lívia descansou com cuidado a cabeça do irmão na esteira e correu para o marido. Êle explicava o atraso, uma demora no carregamento em Mar Grande. Ouvindo a voz do cunhado, Rodolfo acordou.



Lívia botou comida para Guma. Rodolfo sentou diante do cálice de cachaça. Guma comia o peixe rápidamente. Sorria ora para a mulher, ora para o cunhado. Depois de algum tempo Rodolfo balançou a cabeça, alisou o cabelo, bebeu o resto da aguardente e...





Rodolfo riu. Botou o chapéu com cuidado para não desmanchar o cabelo, se mirou num espelho que tirou do bôlso, deu adeus, saiu assoviando...

Guma largou o prato, correu para a janela...





E Rodolfo tirou dinheiro do bôlso, mostrando-o ao cunhado... Desceu novamente a rua. Ia assoviando, mas nem pensava na música.

Pensava que viera ali propor a Guma um dos seus negócios.



Mordeu o bigode bem aparado, assoviou mais forte. Lívia era igual a uma santa. E êle, Rodolfo, ia ter um sobrinho. Sorriu imaginando a cara da criança como seria, chorando na hora de nascer. Chutou uma pedra no caminho, perdera um bom negócio só para não meter Guma numa emprêsa arriscada, por causa de sua irmã e de seu sobrinho.

Os tios vinham vê-la, andavam mais prósperos agora, a quitanda crescia, o velho usava colête, a velha trazia verduras para Lívia. Quando êles entravam o velho Francisco saía, não gostava dos olhos com que êles espiavam a pobreza da casa. O tio torcia o nariz...



Lívia ouvia calada, no íntimo apoiava, gostaria que aquilo acontecesse. Ela daria tudo para Guma deixar o cais. E, quando os tios se iam, ela pensava em falar com Guma. Havia de convencê-lo.

Não choveu. Não se acumularam nuvens no céu naquela noite. Dezembro era mês de festa na cidade e no cais. Mas a lua não apareceu, a côr cinza do céu não ficou azul com a chegada da noite. O vento escurecia tudo. Valia como a chuva, os raios, os trovões, fazia o papel de todos, aquela noite era dêle só. O velho Francisco olhava as velas que entravam...



O vento é o mais terrível dos dominadores do cais. Êle encrespa as águas, gosta de brincar com os saveiros, de fazê-los voltar no mar, destroncando os pulsos daqueles que vão nos lemes. Aquela noite era dêle. Começou apagando as lanternas, deixando o mar sem suas luzes. Só o farol piscava ao fundo, indicando caminho. Mas o vento levava para caminhos errados, desviava-os da sua rota, trazia-os para o mar largo onde as ondas eram fortes demais para um saveiro.

Ninguém ouve a canção que o ...lho soldado canta no forte abandonado. Ninguém vê a luz da lanterna que êle colocou no parapeito da ponte que entra pelo mar. O vento apaga tudo, tudo destrói: as lanternas, as canções.



Lívia se cobriu com um xale e desceu a ladeira. Algumas pessoas bebiam lá dentro do "Farol das Estrêlas", mas com os olhos para fora, para a noite ameaçadora. Grupos no cais conversavam. No cais dos transatlânticos os guindastes se moviam de um lado para outro. Lívia ficou também ao sabor dos ventos e escutava pedaços de conversa...



A vela do saveiro que aparecia ao longe não era do "Valente". Parecia ser do barco de Mestre Manuel. Vinha numa disparada louca, o saveiro dobrado no leme, se aprontando para uma manobra que fizesse o barco parar.



Maria Clara, mulher de Mestre Manuel, vinha curvada sôbre qualquer coisa estendida na coberta do barco. Os seus cabelos voavam com o vento.

Lívia ajeitou o xale que escorregava dos seus ombros, olhou os homens que desciam para a lama do cais e se aproximou da amurada. O saveiro atracara, Maria Clara estava curvada sôbre um corpo. E mesmo antes de ouvir o que Manuel dizia...



...ela já sabia que era Guma quem estava ali deitado, no madeirame do "Viajante Sem Pôrto". Maria Clara estava curvada sôbre êle. Lívia andou como uma embriagada, mas logo ficou estendida na lama que a separava do saveiro.

9

O FILHO

Chamaram Dr. Rodrigo. Guma tinha um ferimento na cabeça, fôra de encontro a uma coroa de pedras. Mas quando o médico chegou atendeu primeiro a Lívia que com o susto adiantara o nascimento do filho de alguns dias. E o garôto já chorava quando Guma pôde se levantar com a cabeça enfaixada, e o braço préso com tiras de gaze. Ficou olhando o filho.

Não tem que tirar nem pôr. É Guma todinho.

Lívia sorria com cansaço, Dr. Rodrigo mandou que saíssem para ela descansar. Mestre Manuel foi para casa, mas Maria Clara ficou com Lívia até a tia dela chegar. O velho Francisco tinha ido buscá-la e avisar aos conhecidos. Quando ficou só com Lívia...

Você hoje ganhou um filho e um marido. Agora não conto porque tu precisa de descanso. Depois tu sabe como foi. Também o vento tava impossível...

Enquanto isso...

Agora que meu filho nasceu, não tenho mais saveiro. Pra ganhar a vida vou ter que me alugar como canoeiro de um batelão. Não vou ter um saveiro pra deixar pra meu filho quando me fôr para as terras de Aiocá. Agora vou ter que alugar meu braço, não vou ter mais um saveiro meu, um barco pra dirigir. O vento desceu sôbre mim, me atirou sôbre a coroa. Se Manuel não me visse nas águas, eu nem teria visto meu filho!

Nesse instante os tios de Lívia entraram. Abraçaram Guma, o velho Francisco no caminho contara tudo, foram ver Lívia. Maria Clara se despediu, voltaria mais tarde. Avisou que Lívia estava dormindo, que não a acordassem. A tia ficou no quarto, mas o quitandeiro saiu logo e veio conversar com Guma...

Agora que o saveiro tá mesmo perdido, o que é que você vai fazer?

Sei lá... Arranjar trabalho numa canoa, ou nas docas.

Guma estava triste, não tinha mais barco, seu filho não possuiria um saveiro.

Por que você não vai trabalhar lá na quitanda, Guma? Você vai pra lá, fica tomando conta do negócio, ajudando. Tenho vontade de aumentar o negócio. Até tinha falado com Lívia. Você arranjava comprador pro saveiro, entrava de sócio. Agora não precisa você entrar com nada.

Guma não respondeu. Doía-lhe se afastar do cais, se dar por vencido. E não queria aceitar favores do tio de Lívia.

O velho esperava que ela fizesse um bom casamento para ampliar o negócio, fundar o armazém. Fôra contra o casamento com Guma. Depois fizera as pazes, pensara nêle para seu sócio. Agora todos os seus sonhos iam por água abaixo, tinham que ficar era mesmo com a quitanda e Guma tirando dela o que comer. O velho esperava a resposta.

Francisco entrou. A tinta nova brilhava no braço. Mandara escrever o nome do "Valente" junto aos dos seus outros quatro saveiros, e eram: "Trovão", "Estrêla da Manhã", "Laguna", "Ventania" e o "Valente" que se juntara a êles. Mostrou a tatuagem nova com orgulho.

O que é que tu vai fazer agora?





O velho Francisco pitou o cachimbo, tossiu, e disse que iria falar com o Dr. Rodrigo, que não precisaria mais...



E o velho Francisco explicou mais: que o Dr. Rodrigo emprestaria a quantia necessária, que Guma pagaria quando pudesse, que não tinha outro barco tão bom e tão bonito naquele pôrto, que êle só tinha enxergado outro parecido: o "Viajante Sem Pôrto" de Mestre Manuel. E que êle estava vendendo baratinho.

Disse quanto era, Guma concordou que não estava caro. Pensava no filho. Assim êle poderia ter um saveiro.







Quando pôde conversar com Lívia a sós, lhe contou como fôra o desastre. Ela ouvia de olhos semicerrados. Ao lado o filho dormia. Quando êle terminou...

Agora que a gente não tem mais saveiro vamos procurar outra vida.

Mas já tou negociando com outro saveiro...

Contou do negócio que tinha em vista. Com um saveiro como o "Roncador" faria dinheiro na certa. Um barco grande e ligeiro.

Tu sabe que eu não podia ir para casa de seu tio assim sem entrar com nada. Mas quando a gente tiver ganho dinheiro com o saveiro a gente pode vender e se juntar com êles. Aí sim...

De verdade? E quanto tempo demora isso?

Seis meses levo pagando... Com mais um ano a gente já juntou um dinheirinho, pode vender o barco. Junta tudo com o do velho, funda um armazém...

Tu jura?

E Guma jurou. Ela então lhe mostrou o filhinho. E dizia com os olhos que era por causa dêle. Sòmente por causa dêle.

O "Roncador" tinha se transformado no "Paquete Voador" e fôra pintado de novo. Também se fizeram necessárias novas velas e o barco ficou um dos mais velozes do cais da Bahia.

Dr. Rodrigo entrara com a metade para Guma pagar quando terminasse o pagamento da outra parte a João Caçula. Foi dividida essa parte em dez prestações mensais. O dinheiro que tinham e as casa êle empregou no consêrto do barco. E se atirou ao mar, com firmeza. O ano de prazo que dera a Lívia para conseguir algum dinheiro com que entrar como sócio do tio dela, êle o estendeu a dois anos. Porém no fim do primeiro ano ainda devia quase tudo a João Caçula e não começara sequer a pagar a parte do Dr. Rodrigo.

João Caçula andava em cima, as prestações estavam atrasadas. Certo dia...

Seu João Caçula teve aqui...

É fim de mês e eu prometi pagar alguma coisa a êle. Mas não sobrou nada, essa última viagem rendeu uma ninharia.

Não vou jantar, Lívia. Vou sair.

A vida para os canoeiros e mestres de saveiro tinha piorado muito. Além de haver pouca carga, era época de paradeiro, as tabelas estavam muito por baixo, devido às lanchas de gasolina que faziam o transporte mais rápido e mais barato. Pouco dinheiro se ganhava e o cais nunca ouvira tanta maldição. Vários mestres de saveiros venderam seus barcos e pegaram outros trabalhos no pôrto. Lívia já desanimara de conseguir que Guma abandonasse a vida do mar nesse ano. Trabalhava agora para que êle pudesse pagar o que devia, pudesse ficar com o saveiro livre.

Não tinham passado ainda cinco minutos quando João Caçula bateu na porta. Perguntou por Guma, Lívia lhe respondeu que saíra.

João Caçula desceu a rua. Candeeiros nas casas iluminavam salas pobres.



No cais grupos conversavam. João Caçula perguntava por Guma. Não o haviam visto. Na frente do Mercado, porém, alguém informou que Guma estava no "Farol das Estrêlas". João Caçula pensou em Guma. Quis voltar (os tempos estavam ruins...), chegou mesmo a virar o corpo, mas tomou uma resolução e embicou para o "Farol das Estrêlas"...

João Caçula ficou quase sem vontade de entrar. Olhou Guma com pena e tentou recuar novamente. Mas tinha que pagar aos canoeiros dos batelões e se adiantou. Quando Mestre Manuel o viu...



João Caçula puxou o bigode, pediu uma cachaça. Mestre Manuel parecia muito desanimado, olhando o interior do copo vazio. E ficaram os três em silêncio algum tempo. De repente...









Saíram. Na porta um cego cantava. Estendeu meia cuia de queijo e João Caçula deixou cair uma moeda de dois tostões. Não compraria fumo para seu cachimbo naquela noite...

10 TOUFICK, ● ÁRABE

Chegara na terceira classe de um lugre que tocara em vinte portos. Chegara das terras do outro lado do mundo, quase nada trazia na carteira de couro que apertara contra o peito ao começar a vencer a ladeira da montanha.



Viera da Arábia, de uma aldeia entre os desertos, vencera mares de areia, para vir ganhar a vida no outro lado da terra. Outros tinham vindo antes dêle, alguns haviam voltado e tinham bosques de oliveiras, casas l i n d a s, eram ricos. Êle viera para isso também. Saíra de entre as montanhas, atravessara extensões de areia no dorso dos camelos, se metera na terceira classe de um navio, morou no mar muitos dias. Abandonara sua terra porque queria ser esquecido lá, deixara um rasto de sangue atrás de si.

Não sabia a língua ainda e...

Eu vender sombrinhas, séda baratas, fólhs, tudo que vocês precisar.



Aos poucos se familiarizou com a cidade, com a língua, com os costumes. Morava no bairro árabe da Ladeira do Pelourinho, de onde saía tôdas as manhãs com sua mala de mascate.

Depois foi melhorando de vida. Foi quando conheceu F. Murad, o árabe mais rico da cidade. A grande casa de sêdas de F. Murad tomava quase um quarteirão da Rua Chile. Falava-se que êle enriquecera no contrabando de sêdas. Muitos dos outros árabes o odiavam, diziam que êle não ajudava os patrícios. Em verdade F. Murad tinha uma verdadeira estatística dos seus patrícios que viviam na Bahia. E quando um dêles se revelava um sujeito que lhe podia ser útil, êle o chamava, tinha sempre trabalho nos seus diversos negócios.

Há muito que F. Murad se interessava por Toufick e o deixou em observação vários meses. Certo dia...

Vou empregá-lo no mais rendoso dos meus negócios. Você vai tratar com os dispensados de bordo, com os comandantes de navio, com os pilotos, com todos os que fazem carregamento de séda sem pagar impostos.

Dentro de alguns anos eu também vou poder voltar, vou apagar então na minha terra de montanhas entre areias o rasto de sangue que deixei, plantando sôbre êle um bosque de oliveiras...



Toufick conhecia o cais como pouca gente. Os mestres de saveiros lhe eram familiares, o nome dos barcos êle os sabia todos, se bem os pronunciasse de um modo pitoresco.



Xavier, o mestre do "Caboré", trabalhava para êle. Era o "Caboré" quem ia receber as peças de séda na calada da noite de bordo dos navios e quem as conduzia para lugares pouco conhecidos.

E de tanto fazer aquêles roteiros desconhecidos e perigosos, Toufick, o árabe, já era quase um verdadeiro mestre de saveiro. Pelo menos já ouvia embevecido as canções que pela noite adentro o soldado Jeremias cantava no forte velho.

E numa noite de cerração cantou na sua língua uma canção do mar que ouvira de patrícios seus, marinheiros no pôrto em que embarcara. Era uma melodia estranha na cerração da noite.



Mas canções de marítimos, por mais diversas que sejam a língua e a sua música, falam sempre em amor e em morte no mar. Por isso todos os marítimos as compreendem, mesmo quando são cantadas por um árabe das montanhas que as ouviu num pôrto sujo da Ásia.

Toufick, o árabe, sofreu um grande abalo com a fuga de Xavier. Um navio entrara dentro de cinco dias com um carregamento grande de sêdas de contrabando. Como tirá-lo do barco sem um saveiro, sem um mestre em quem confiasse? Explicou para F. Murad...

Era um cachaceiro, foi por isso. Sujeito que não serve. Agora vou arranjar um homem sério.

Trate de arranjar logo. É preciso desembarcar o carregamento.



Toufick veio para o cais. Tratou de indagar com Seu Babau das finanças dos diversos mestres de saveiro. Soube do caso da véspera, do empréstimo feito a Guma, da quase venda do "Paquete Voador"...

É um sujeito sério?

Guma? Não há homem mais direito no cais.

Foi certo para a casa de Guma. Foi Lívia quem atendeu...

Guma saiu mas não demora, Seu Toufick. Quer esperar?

Espero sim, Dona Lívia.

Ficou sentado na sala. E Toufick ficou se lembrando do que Rodolfo lhe dissera certa vez (Toufick o procurara, era credor de uma roupa de Rodolfo, para saber se Guma queria se meter no negócio de contrabando): "Meu cunhado não é o homem que você precisa, turco". Dissera que Guma não era homem para se meter em negócio assim.

Será que vale a pena estar aqui esperando? Êles têm que substituir Xavier com urgência. Guma é o homem indicado: está endividado, é um dos melhores mestres de saveiro do cais, tem um barco bom e veloz. Mas será que tem coragem de se meter nesse negócio?

Em escrúpulos Toufick não pensou. Levantou-se, espiou na janela. Guma apontava na rua. Quando o viu apressou o passo...

Que há de bom, Seu Toufick?

Queria conversar com o senhor.

E Guma lhe respondeu que estava às ordens dêle...

Lívia veio com a cachaça. Toufick bebeu. Quando Lívia desapareceu no interior da casa êle chegou a cadeira furada para junto do caixão de Guma...

Desculpe, Seu Guma, mas como vai o senhor de dinheiro?

Não tou indo bem não, Seu Toufick. O paradeiro tá danado, por quê?

Toufick sabia. Os tempos estavam maus. Mas assim mesmo um homem decidido ainda podia ganhar muito dinheiro. Guma já soubera que Xavier fôra embora? Pois êle trabalhava para êle, Toufick? Pois êle o deixara na mão.

E o trabalho dêle era de deixar muito dinheiro. Recebia umas encomendas que vinham a bordo, uns contrabandos... O senhor pode pagar seu saveiro em dois ou três meses. É negócio que dá. Pode ganhar de uma só vez até quinhentos mil-réis. Como a gente faz a Polícia nunca descobre.

Quarta-feira entraria um barco alemão. Traria um carregamento grande. Era negócio para dar de uma bolada uns quinhentos mil-réis. Negócio grande, para umas três viagens do saveiro...

Em menos de uma noite você pode botar mão nesse dinheiro. Com dois ou três negócios você pode pagar o barco e até dar o fora se quiser. Está precisando de dinheiro, Seu Guma?

Senhor me adianta cem mil-réis? Topo o negócio.

Guma pensava que podia fazer aquêle serviço uma vez ou duas vêzes, o necessário para pagar o barco, depois daya o fora em Toufick. Mas temia o desgôsto de Lívia se êle fôsse preso. Ela já sofria tanto pelo irmão...

O árabe meteu a mão no bôlso da calça, tirou um embrulho de papéis. Eram cartas, recibos, vales... O dinheiro misturado com aquela papelada suja.

Você sabe onde Xavier desembarcara as sêdas? No pôrto de Santo Antônio, perto do farol da barra. Quarta-feira às dez horas...

...estarei com o saveiro preparado.

Toufick foi embora. O filho no quintal chorou. Guma foi buscá-lo.

A noite estava quente sôbre a terra. Mas no mar corria uma brisa fresca que dava um dengue aos corpos. No céu de estrêlas, havia uma lua enorme e amarela. O mar estava calmo e só as canções que vinham de tôda parte cortavam o silêncio. Guma pensou em Lívia que a estas horas estaria em casa angustiada. Ela nunca pudera se conformar com a vida dêle. Principalmente depois do desastre do "Valente" vivia numa eterna agonia, esperando ver Guma chegar morto no fim de cada viagem. Se então ela soubesse que êle estava de agora em diante metido no contrabando de sêdas nunca mais teria um momento de sossêgo, porque ao receio da morte no mar se juntaria o mêdo de uma prisão.

Juro que vou abandonar o negócio logo que eu pague o saveiro. Hoje vai ser a primeira noite e mais tarde vou receber quinhentos mil-réis. Pago tudo a João Caçula, vendo o "Paquete Voador" e entro como sócio num armazém com o tio de Lívia.

Dai a instantes, ouve o salto de Toufick. Vem outro árabe com êle. Êste traz um cachecol enrolado ao pescoço apesar do calor. Toufick apresentou o outro que se chamava Haddad a Guma e examinou o saveiro...

É bem grande, hein? Acho que em duas viagens você leva tudo.

Saveiro maior nesse pôrto não tem. Vamos largar agora, Seu Toufick?

Não. Iriam esperar, ainda era cedo.

Os dois árabes sentaram no madeirame do saveiro e começaram a "trocar" língua. Guma fumava silenciosamente, lembrando de Lívia. Ela o pensava em viagens, atravessando a bôca da barra a estas horas. Meia-noite mais ou menos Toufick disse...

Podemos ir.

Guma suspendeu a âncora do saveiro (Haddad ficou olhando as suas tatuagens), levantou as velas. O barco depois da manobra ganhou velocidade. As luzes do navio apareciam. Iam silenciosos no saveiro.

Já estavam perto do navio quando Toufick disse...

Pare.

O "Paquete Voador" parou. A uma ordem de Toufick, Guma arriou as velas. O casco do saveiro jogava lentamente. Haddad assoviou de um modo especial. Não obteve resposta. Tentou novamente. Da terceira vez ouviram um assovio que respondia.

Guma tomou os remos e não levantou as velas. O saveiro contornou o navio, foi atracar no seu casco, do lado que dava para Itapagipe. Uma cabeça apareceu. Conversou com Haddad numa língua também estranha para Guma. Logo desapareceu. Depois veio outro. Nova conversa. Haddad mandou que o saveiro se adiantasse um pouco mais. Foram encostar junto a uma larga abertura.



E dois homens começaram a descer peças de sêdas que Guma e Toufick ia arrumando no porão do saveiro. Não foram perturbados.

O saveiro se afastou lentamente do navio. Já longe, depois de ter atravessado o quebra-mar, abriu as velas e correu de lanterna apagada. O vento o ajudava, chegou rápidamente ao pôrto de Santo Antônio. Apenas as ondas eram bem mais altas, o mar menos calmo. Mas o "Paquete Voador" era um saveiro grande e resistia bem.



Homens já esperavam o saveiro. Um dêles bem vestido se adiantou...



Guma olhou para o ricaço. Êle botou a mão no ombro de Guma...



Murad deu mais uma olhadela para o serviço, recomendou que tudo andasse direito. O automóvel o esperava duas esquinas depois. O farol da barra piscava na madrugada.

No dia seguinte Guma foi levar o dinheiro para João Caçula...



A segunda vez foi um carregamento pequeno de meias francesas para senhoras e perfumes. Guma recebeu cem mil-réis. Tudo correra bem. Desta vez F. Murad ficara no saveiro e tivera uma longa palestra com um cavalheiro do navio. Depois pagou uma grande quantia em dinheiro. Quando voltaram...



Toufick lhe avisou que daí a um mês chegava um carregamento grande. Talvez êle ganhasse uns duzentos mil-réis ou mais.

No outro dia foi levar os cem mil-réis ao Dr. Rodrigo. Ganhara naquela viagem, dissera. Caíra no jôgo em Cachoeira. Uma roletazinha, fôra apostar uns cinco mil-réis, acabara ganhando cento e vinte. E como já acabara de pagar a parte de João Caçula, viria pagar a do doutor. Rodrigo, a princípio, não quis receber. Disse que Guma podia estar precisando. Mas Guma insistiu. Quanto antes pagasse o saveiro, melhor.

11 TERRAS DE AIOCÁ

Guma fêz varias outras viagens para Toufick. Pagou o saveiro. E tomou amizade ao árabe, muito gentil sempre. Agora Guma tinha duzentos e cinqüenta mil-réis em casa e estava livre de dividas. Lívia já falava do dia em que se mudariam para a cidade alta, como de coisa muito próxima. Quase não tinha mais médo, esperava mais serena, sua agonia diminuira de muito. E gostava de ir ao saveiro nas noites em que o filho ia passear na casa dos tios dela...

Quando Guma tiver ganho um conto de réis vai poder entrar para a quitanda de titio E o velho vai descansar, que já não dá para o trabalho. Tudo está correndo bem nos últimos tempos. Até as tabelas subiram, a vida do cais voltou ao normal, conseguimos atravessar a crise.

Ficava estirada ao lado de Guma, ouvindo as canções do cais, vendo a lua amarela, as estrêlas inúmeras, sentindo a presença de Iemanjá, que estirava os cabelos n'água. Pensava que o mar é amigo, é doce amigo. E sentia pena de Guma que ia deixar o cais, ia largar seu destino. Mas não venderia o saveiro, uma vez por outra, quando o mar estivesse assim calmo, haveriam de vir passear sôbre as águas, olhar as estrêlas e a lua do mar, ouvir essas canções tristes do cais. O mar é amigo, é doce amigo. E talvez seja o proprio mar a terra de Aiocá que é a Pátria dos marítimos.

Rosa Palmeirão não traz mais navalha na saia, nem punhal no peito. Quando o marujo a encontrou numa pensão de última ordem onde não pagava por que o proprietário a temia e lhe disse: "Guma mandou dizer que teu neto nasceu", ela atirou fora a navalha da saia, o punhal do peito. Lívia a recebeu como a uma amiga que não via há muito...

Essa casa é sua.

Guma foi um bicho de sorte.

Rosa baixou a cabeça, se apertou muito contra a criança que a principio fugira dela...

Vamos, bichão, dá um abraço na tua avó!

Vovó? Você é mulher do vovó Francisco, é?

Ela póde então chorar, já não tinha a navalha na saia, o punhal no peito. Vestiu roupas sem espalhafato, sentava na porta da casa com o menino no colo. Havia noites em que ouvia cantarem no cais o seu ABC e o escutava enleada como se fôsse o ABC de outra pessoa. Só o mar dá dêsses presentes a seus filhos.

Pela primeira vez Guma ia pegar um temporal na passagem de contrabando. Mas viu que Lívia não estava preocupada (ela andava calma, tudo estava tão próximo de acabar) e saiu satisfeito. Toufick esperava no saveiro e desta vez, além de Haddad, havia um outro árabe jovem. Era Antônio, o filho de F. Murad, estudante e literato, que tivera curiosidade de ver como se passava um contrabando.

As nuvens se acumulavam no céu, o vento soprava furioso. O navio ao largo era vagamente enxergado pelo bordo do saveiro. Toufick achava melhor que o filho de Murad voltasse para casa, mas o rapaz não aceitou a sugestão.

Então melhor, mestre Guma! Assim é até mais gostoso. Fica completo.

Há perigo, Seu Antônio.

O saveiro saiu, porém ainda não haviam chegado no quebra-mar quando a chuva caiu. Assim mesmo Guma conseguiu arriar as velas e esperar que do navio dessem sinal. Se aproximaram com dificuldade, à força do remo.

O saveiro encostou no navio, os fardos de sêda começaram a aparecer. Mas o trabalho se fazia difícil porque as ondas eram muitas, a chuva caía com violência e o saveiro subia e descia, se afastava de junto do navio.

Afinal concluíram o serviço. Guma manobrou, atravessaram o quebra-mar rumaram para o pôrto de Santo Antônio. Mas o vento furioso os puxava. Não havia uma embarcação no mar. O vento desviava o "Paquete Voador" da sua rota. O saveiro ia muito carregado, as manobras se faziam difíceis. Haddad murmurou...



Procurou umas tábuas com que cobrir o porão. Não via a tempestade, não via a morte, só enxergava as sêdas se molhando. Guma o olhou com admiração. Toufick ia nervoso, temia pelo filho do patrão. Êste estava pálido e se chegara para o mastro.

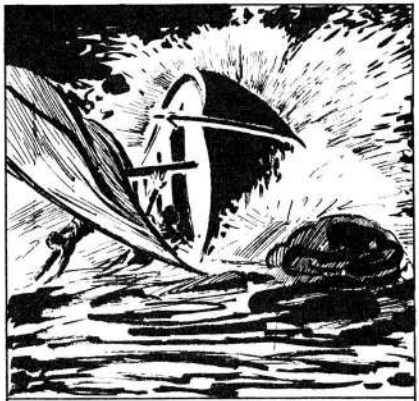
Certa hora Antônio Murad perguntou a Guma...



Continuaram em silêncio. Iam na rota certa, mas muito para o largo, muito para um mar que não era o dos saveiros. Guma viajava para o mar dos grandes navios, era como se realizasse o seu sonho de viajar para terras distantes. Viam o Farol da Barra como uma salvação.

Bem defronte é o pôrto de Santo Antônio. Mas estão muito ao largo, Guma manobra para embicar para o pôrto. Pouco adiante os arrecifes cobertos de água. Manobra com facilidade, mas as águas se levantam em ondas colossais, atiram o saveiro para os arrecifes. Estava carregado demais.





Virou como se fôsse um brinquedo na mão do mar. Os tubarões vieram de alguma parte, êles estão sempre próximos dos naufrágios...

Guma viu Toufick se debatendo. Pegou o árabe pelo braço, e jogou nas suas costas. E nadou para o cais.



Uma luz fraca brilhava no pôrto de Santo Antônio. Mas veio uma réstia de luz do farol da barra e iluminou o caminho para Guma. Olhando para trás, êle viu os tubarões em tôrno do saveiro. E uns braços se agitando. Depôs Toufick na praia e mal se levantava...



Guma mal se agüentava em pé...

Você também tem um filho. Vá, pelo amor de seu filho.

Guma se recordou de Godofredo no dia do "Canavieiras". Todos que têm um filho suplicam assim. Êle também tem um filho. E se atira novamente n'água.

É com dificuldade que nada. Já vinha cansado da travessia difícil, sob o temporal. Depois nadara com Toufick sôbre as costas, nadara contra as águas e contra o vento. Agora as fôrças lhe faltam a cada momento. Mas continua. E chega a tempo de ver Antônio ainda seguro no casco do saveiro que está virado, parecendo o corpo de uma baleia.

Pega o rapaz pelos cabelos e recomeça a travessia. O mar o impede. Os tubarões, que já devoraram Haddad, vêm no seu rasto. Guma traz a faca na bôca, Antônio seguro pelos cabelos.

Na sua frente êle vê Livia quase tranqüila, Livia esperando que tudo mude para melhor. Livia, que tem um filho dêle, se aproxima, êle esgota as fôrças. Mesmo Livia êle não vê mais. Sabe apenas que tem que nadar porque leva um filho pelos cabelos, filho de F. Murad ou seu filho, êle não distingue mais. Livia, Livia vai na sua frente. As águas do mar são fortes, o vento assovia. Mas êle nada, êle corta as ondas. Leva um filho, será seu filho?

Perto da areia suja do pôrto de Santo Antônio êle não aguenta mais. Solta o rapaz. Porém estão de tal maneira próximos que a água leva Antônio para os braços de F. Murad...

Meu filho! Um médico depressa...

Guma quer ir também. Mas a rabanada do tubarão o obriga a voltar-se, a faca na mão.

E luta ainda, ainda fere um, o sangue se espalha na água revolta. Os tubarões o levam para junto do casco emborcado do "Paquete Voador".

Algum tempo depois a tempestade serenou. A lua apareceu e Iemanjá estendeu seus cabelos sôbre o lugar onde Guma desaparecera. E o levou para as viagens misteriosas de Aiocá, para onde vão os valentes, os mais valentes do cais.

O vento havia jogado o "Paquete Voador" na areia do pôrto...

Foi bem ali que o corpo de Guma desapareceu. Lívia olha as águas. Lívia de braços fechados no peito. Lívia silenciosa. O frio entrava pelo seu corpo. Mas a música vinha como um calor, um calor e uma alegria. O seu homem estava longe, morto no mar. Lívia de gêlo, Lívia perfeita, de cabelos molhados escorrendo no pescoço. Não veria o cadáver de Guma que os homens se cansaram de procurar com uma vela no mar de óleo, parado, fechado como o corpo de Lívia.



Vinha a música quente do negro...



Nenhum soluço. Só o frio que a invade e a visão do mar morto de óleo. Debaixo dêle correria o corpo de Guma como um navio sem leme. Os peixes rodariam em tôrno. Iemanjá iria com êle e o cobriria com seus cabelos. Guma iria para outras terras como um marinheiro de um grande navio. Iria passear pelos recantos mais misteriosos do mar, acompanhado de Iemanjá. Seguiria sua rota, marinheiro no mar procurando seu pôrto.

Lívia olha o mar morto de águas de chumbo. Mar sem ondas, pesado, mar de óleo. Onde estão os navios, os marinheiros e os náufragos? Mar Morto dos soluços, quedê as mulheres que não vêm chorar os maridos perdidos? Onde estão as crianças que morreram na noite do temporal? Onde está a vela do saveiro que o mar engoliu? E o corpo de Guma que boiava com longos cabelos morenos na água que era azul? Na água plúmbea e pesada do mar morto de óleo corre como uma assombração a luz de uma vela à procura de um afogado. É o mar que morreu, é o mar que está morto, que virou óleo, ficou parado, sem uma onda. Mar morto que não reflete as estrêlas nas suas águas pesadas.

Se a luz vier, se a lua vier com a sua luz amarela, correrá por cima do mar morto e procurará como aquela vela o corpo de Guma, o de longos cabelos morenos, o que marchou pela estrada do mar para o caminho das Terras do Sem Fim, nas costas de Aiocá.



Lívia olha
da sua janela
o mar sem lua.
Aponta
a madrugada.
Agora tudo
é mistério.
A música acabou.
Aos poucos
as coisas
se animam,
os cenários
se movem,
os homens
se alegram.
A madrugada
rompe sôbre
o mar morto.
Só Lívia tem
o corpo frio
e frio o coração.
Para Lívia
a noite continua,
a noite sem
estrêlas
do mar morto.

A noite ainda luta com a madrugada. Os saveiros saem. O filho de Lívia está em casa com os tios. Rosa Palmeirão botou a navalha na saia, o punhal no peito novamente. Parece um homem em cima do "Paquete Voador". Mas Lívia é bem mulher, frágil mulher.



Aves marinhas volteiam em tôrno ao saveiro, passam perto da cabeça de Lívia. Ela vai ereta e pensa que na outra viagem trará seu filho, o destino dêle é o mar. Maria Clara, no "Viajante sem Pôrto" canta uma canção do cais. Fala em amor e saudade. Mas a voz de Maria Clara fica suspensa de súbito. Porque na madrugada que rompe, um prêto canta dominando o mar misterioso...



Estrêla matutina. No cais o velho Francisco balança a cabeça. Uma vez, quando fêz o que nenhum mestre de saveiro faria, êle viu Iemanjá, a dona do mar.

E não é ela quem vai agora de pé no "Paquete Voador"? Não é ela? Ela é, sim. É Iemanjá quem vai ali.

Vejam! Vejam! É Janaína!

Olharam e viram. D. Dulce olhou também da janela da escola. Viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começava a se realizar. No cais os marítimos viam Iemanjá, a dos cinco nomes. O velho Francisco gritava, era a segunda vez que êle a via.

É Iemanjá! É Janaína!

Assim contam na beira do cais.

FIM

As adaptações de romances ou obras clássicas para a EDIÇÃO MARAVILHOSA e ÁLBUM GIGANTE são apenas um "aperitivo", para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize a sua biblioteca — que uma boa biblioteca é sinal de cultura e bom gôsto.

Explicação

Edição Maravilhosa orgulha-se em apresentar êste número 186 de sua série. É a quadrinização do romance de Jorge Amado: *Mar Morto*. Escrito em 15 dias, apareceu êle em 1936 e neste mesmo ano recebeu o *Prêmio Graça Aranha*. Seu autor o considera, juntamente com *Gabriela, Cravo e Canela*, os livros que lhe dão mais prazer, talvez por serem os mais líricos.

Na época do lançamento, vários escritores ficaram surpresos com o romance, que vinha renovar em muito a nossa literatura. "*Mar Morto* é um poema, uma epopéia de grande penetração e lirismo. Páginas e mais páginas podem ser declamadas como poesia, já pelo rítmo da prosa alada, já pela emoção, pelas imagens, pela perfeita comunhão do autor com as suas personagens". (Sérgio Milliet).

Já foi traduzido para o francês, espanhol, tcheco, hebráico, alemão, polonês; adaptado para o rádio; o compositor baiano Dorival Caymmi compôs a música "É doce morrer no mar..." sôbre motivo dêste livro; e o produtor italiano Carlo Ponti já adquiriu os direitos para a filmagem do romance.

Muitos leitores hão de estranhar a linguagem gramaticalmente errada dos personagens amadianos em *Mar Morto*; mas essa linguagem é proposital, pois reflete fielmente a maneira e os modismos dos habitantes do cais da cidade da Bahia, ou, mais acertadamente, Salvador.

Jorge Amado, neste romance, quis fazer ressaltar o Destino e a grande influência que o Mar faz sentir nos saveireiros, nos marujos e nas mulheres da beira do cais. A história gira ao redor de Guma, de Lívia, do velho Francisco. Mas em tôrno dêles está o Mar. O Mar que é tudo para êles, o Mar que lhes dá sustento, o Mar que lhes traz os homens, o Mar que lhes tira os homens. O Mar que rege o destino de todos. O Mar de Iemanjá, o Mar de Janaína, o Mar da Princesa de Aiocá. O Mar é senhor de vidas, o Mar é terrível e é misterioso. Tudo que vive no mar é cercado de mistério. O Mar é o principal personagem dêste romance-poema.

Ficha Biográfica de JORGE AMADO



Jorge Amado e seus filhos João e Paloma

Nome: Jorge Amado.

Nascimento: Pirangi (Ilhéus), Bahia, 10 de agôsto de 1912.

Filiação: João Amado de Faria e D. Eulália Leal Amado.

Estudos: Aprendeu as primeiras letras em sua própria casa, indo depois para uma escola particular.

Escolas por onde passou: Colégio Antônio Vieira (dos padres jesuítas, na cidade do Salvador). Ginásio Ipiranga (instalado na casa onde morara Castro Alves, na mesma cidade. Dirigiu, aí, o jornalzinho "A Fôlha"). Faculdade de Direito, no Rio de Janeiro.

Vida Literária: Em 1928, colaborou na revista 'Meridiano" e em "A Semana". Em 1931, escreveu "O País do Carnaval". Em 1932, mostrou os originais de um seu romance, "Ruy Barbosa Número Dois", a Gastão Cruls, que não achou novidade na obra. Tempos depois, no entanto, o mesmo escritor previa sucesso para "Cacau", um outro romance de Jorge Amado. Em 1934, publicou "Suor".

A essa época, ainda estudante, Jorge Amado se mantinha graças à mesada que recebia de seu pai e do que ganhava de colaborações nos jornais. Quando José Olympio fundou a sua editôra, foi trabalhar lá, no departamento de propaganda. Essa mesma editôra, em 1935, publicou o seu romance "Jubiabá", que foi considerado, por muitos, como o melhor livro do ano.

Em 1935, ainda, bacharelou-se em Direito. Viajou pela Argentina e pelo Uruguai, e começaram a sair as primeiras traduções de seus livros: "Cacau" (na Argentina e na Rússia). "Suor" (na Rússia). "Jubiabá" foi traduzido por um engenheiro francês (em Santos) e dois Professôres (na Capital de São Paulo); os originais foram lidos e aprovados por André Malraux, e a Editôra Gallimard (França) editou-o em 1937.

Em 1936, publicou "Mar Morto" e viajou pela América Latina e os Estados Unidos. Durante essa viagem, escreveu "Capitães de Areia".

Em 1938, divulgou, no Recife, "A Estrada do Mar", poemas em prosa.

Mas os seus livros, por questões políticas, passaram a ser proibidos no Brasil e êle não escreveu durante muito tempo, só reaparecendo em 1941, com o "ABC de Castro Alves", "Vida de Luís Carlos Prestes" apareceu na Argentina (1942), em espanhol. Êste livro só foi editado no Brasil em 1945.

De 1943 a 1946, publicou um livro por ano, em média: "Terras do Sem Fim", "São Jorge dos Ilhéus", "O Amor do Soldado" (peça teatral escrita especialmente para Bibi Ferreira, embora não tenha sido representada), "Bahia de Todos os Santos" e "Seara Vermelha".

Em 1946, entrou na política, elegendo-se Deputado Federal. No entanto, dois anos depois, perde o mandato. Passou, então, cinco anos ausente do país, viajando pela Europa e pela Ásia, quando escreveu "O Mundo da Paz" (livro de viagens). Ao voltar, trazia consigo o primeiro volume da trilogia "Subterrâneos da Liberdade", que saiu completa em 1953.

Em agôsto de 1958, publicou o romance "Gabriela, Cravo e Canela" — um dos maiores "best-sellers" da literatura brasileira. Pela mesma época, a "Festa Discos" lança um **long playing** no qual Jorge Amado diz os "Quatro Acalantos de **Gabriela, Cravo e Canela**" e o "Poema de Amor à Bahia", ambos com fundo musical de Dorival Caymmi. Em junho de 1959 publicou, numa revista carioca, a novela "A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água", que fará parte de um novo romance que vem sendo escrito. Em dezembro de 1959, publicou na mesma revista uma outra novela: "De Como o Mulato Porciúncula Descarregou o Seu Defunto".

Considerações: Suas obras já foram traduzidas para as seguintes línguas: francês, sueco, espanhol, inglês, italiano, albanês, russo, chinês, tcheco, hebraico, persa, alemão, lituano, romeno, grego, húngaro, sérvio-croata, holandês, búlgaro, mongol, eslovaco, iídiche, polonês, árabe, dinamarquês. O cinema também tem aproveitado suas histórias: "Estrêla do Mar", "Terra Violenta" e "Mar Morto". Escreveu o roteiro para um filme a ser dirigido por Alberto Cavalcanti em Berlim: "O Solar de Azulejos". Seus romances também foram adaptados para o rádio e o teatro.

Já se fizeram, aproximadamente, 300 edições de seus livros. Na Rússia, foi publicada uma edição de "Terras do Sem Fim", com prefácio de Ilya Ehremburg. Na sua edição italiana, a capa foi desenhada por Pablo Picasso.

A enorme aceitação dos romances de Jorge Amado é atribuída por êle mesmo ao sentido brasileiro de que os mesmos se revestem.

Jorge Amado se casou, em 1945, com a Sra. Zélia Gattai. Tem dois filhos: João e Paloma (nascida em Praga, Tcheco-Eslováquia, mas registrada brasileira).

Obras: "País do Carnaval", "Cacau", "Suor", "Jubiabá", "Mar Morto", "Capitães de Areia", "Terras do Sem Fim", "São Jorge dos Ilhéus", "Seara Vermelha", "Subterrâneos da Liberdade", "Gabriela Cravo e Canela" (romances). "A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água", "De Como o Mulato Porciúncula Descarregou o Seu Defunto" (novelas). "ABC de Castro Alves", "Vida de Luiz Carlos Prestes" (biografias). "A Estrada do Mar" (poemas em prosa). "O Amor do Soldado" — antes publicada com o título de "O Amor de Castro Alves" — (teatro). "Mundo de Paz" (viagens). "Bahia de Todos os Santos" (Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador). "Os 4 Ases" (novela infantil, de colaboração com Matilde Garcia Rosa). "Mestre Manuel" (poesias, em preparação).

Obras já quadrinizadas: "Terras do Sem Fim" (**EDIÇÃO MARAVILHOSA** — N.º 152), "São Jorge dos Ilhéus" (**EDIÇÃO MARAVILHOSA** — N.º 174), "Mar Morto" (a presente edição), tôdas elas com desenhos de Ramón Llampayas.

Obras a quadrinizar: "Gabriela, Cravo e Canela", "Jubiabá", "Capitães de Areia", etc.

Só
PING-PONG
faz uma
"BOLA LEGAL"





O CHICLE DE BOLA
PING-PONG
REALMENTE DELICIOSO

COMPANHIA BRASILEIRA
DE NOVIDADES DOCEIRAS
Rua Costa Magalhães, 83/83-A - Rio de Janeiro
Rua das Olarias, 370 - São Paulo





Você acabou de ler mais um Scan
Produzido e Restaurado de Fã para Fã,
direto de nossa coleção Particular e
distribuido gratuitamente e que já tem
seus direitos registrados pelas respectivas
Editoras.
Não compre ou comercialize



www.guiaebal.com





Guia Completo de todas as HQ´s lançadas pela EBAL.
Centenas de Scans de Séries Completas!